

# OS USOS DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS PELO CATOLICISMO E PELO LUTERANISMO E AS RELAÇÕES CENTRO/PERIFERIA

Odaci Luiz Coradini

## RESUMO

O texto tem como problema central a posição específica dos professores de teologia frente ao conjunto das ciências humanas e sociais e de seus usos. Através do estudo dos trajetos sociais e das relações com o campo religioso e escolar dos professores de teologia das Igrejas Católica e Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, o texto aborda as relações da teologia com as ciências humanas e sociais e seus usos instrumentais para a fundamentação de tomadas de posição. A principal constatação é a de que, com a intensificação desses usos das ciências humanas e sociais, particularmente pelo polo “progressista” do campo religioso, um dos principais efeitos é a subordinação dessas disciplinas às necessidades e às estratégias das disputas teológicas. Uma segunda constatação geral é a tendência no sentido do reforço do polo “terceiro-mundista” no campo religioso, o que implica tanto na intensificação dos usos das ciências humanas e sociais, como na sua redefinição conforme as necessidades daquele campo e de sua intercessão com as lutas político-ideológicas em geral.

## PALAVRAS-CHAVE

Universidades e igrejas. Ciências Sociais e religião. Teologia e ativismo. Elites culturais e religião.

## ABSTRACT

This paper presents as its central theme the specific position of Theology professors in face of the ensemble of Human and Social Sciences and their uses. Through the study of social backgrounds and the relations with the academic and religious field of Theology professors at the Catholic Church and the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil, this paper approaches the relations between Theology and Human and Social Sciences and their instrumental uses as foundation for position-taking. The main finding is that, with the increase of such uses of Human and Social Sciences, particularly by the “liberal” pole of the religious field, one of the main effects is the subordination of those areas to the needs and strategies of theological disputes. Another observed aspect is the trend of reinforcing the “third-world pole” in the religious field, which implies both the intensification of the uses of Human and Social Sciences and their redefinition according to the needs of such field and their cross-relation with political-ideological disputes in general.

## KEYWORDS

Universities and churches. Social science and religion. Theologie and activism. Cultural elites and religion.

## 1 Introdução

Este texto se inscreve numa linha de trabalho que tem como problema central os diferentes usos das ciências humanas e sociais em condições periféricas. Pressupõe que esse tipo de problema tem nas possibilidades de adoção de algum tipo de raciocínio analógico aos processos ocorridos nos países centrais seu principal obstáculo. Isso decorre do fato de que tanto os esquemas utilizados nas práticas sociais como aqueles para sua análise são provenientes de outras condições e, no entanto, nem todas as formulações e conceitos são transculturais. Nessa linha de trabalho a hipótese mais geral é a de que em condições periféricas como aquelas em pauta, as ciências sociais estão diretamente associadas à posição e às atividades de mediação cultural em diferentes universos. No caso específico deste texto trata-se do universo religioso sendo tomadas duas igrejas e mais especificamente o ensino de teologia<sup>1</sup>.

À primeira vista, pode parecer um tanto estranho tomar o ensino de teologia como um caso exemplar para examinar as transformações recentes nas relações entre a expansão e a institucionalização das ciências

humanas e sociais, o ensino universitário e a formação e circulação internacional de elites. Esta escolha, no entanto, decorre de algumas constatações prévias, que tornam a teologia, e mais especificamente, a teologia católica e a luterana, estrategicamente central para a abordagem e apreensão destes processos.

Na pesquisa realizada sobre o conjunto dos professores de todas as disciplinas de ciências humanas e sociais no Rio Grande do Sul, com o título de mestre ou doutor<sup>2</sup>, em praticamente todas as dimensões sistematicamente exploradas, o principal eixo de oposição situa os professores de teologia no extremo de um dos polos, seguidos de perto pelos de filosofia e de outras disciplinas das chamadas ciências humanas. No extremo oposto, também de modo sistemático, situam-se os professores de administração, seguidos pelos das demais disciplinas das chamadas ciências sociais aplicadas, ou seja, economia e direito. Sendo assim, após um primeiro texto centrado na exploração das condições e efeitos da circulação internacional (CORADINI, 2004), na medida em que interessam casos típicos de tendências que incluem o conjunto das ciências humanas e sociais, tanto o extremo ocupado pe-

1. Outra versão desse texto foi publicada em Coradini (2009).

2. Nesta investigação, foi aplicado um questionário para o conjunto de 738 professores com 69 questões, algumas das quais abertas, e para parte dos mesmos foram realizadas entrevistas aprofundadas. Os principais eixos de investigação deste questionário são os que seguem: a) as diferenças sociais associadas à distribuição por áreas ou disciplinas e instituições; b) as relações entre as atividades do magistério universitário, a ocupação de cargos públicos, as demais atividades e modalidades de engajamento e as concepções de ciências humanas e sociais; c) as relações entre a formação em âmbito regional, nacional e no exterior e os demais recursos sociais e escolares; e, por fim, d) as associações entre a esfera familiar e a do trabalho e as conseqüentes heranças e reconversões. Além destes questionários e das entrevistas, para o conjunto de professores dos cinco cursos de pós-graduação em teologia no Brasil, foram examinadas também as fontes secundárias disponíveis. Dentre estas fontes, destaca-se o *curriculum vitae*, para a ampliação dos dados relativos ao trajeto escolar, e as publicações, através das quais é possível ter uma boa base de informações relativas às tomadas de posição no campo da teologia ou das ciências humanas e sociais e nas lutas político-ideológicas em geral, além de outras fontes de informações biográficas.

los professores das ciências sociais aplicadas como pelos de teologia apresentam ótimas condições, enquanto objeto de estudo das relações entre ensino universitário, usos das ciências humanas e sociais na mediação com outras esferas sociais (objeto central da mencionada investigação) e circulação internacional. Porém, se por um lado, tomando o conjunto de todas as disciplinas é possível delinear suas oposições e aproximações, são incorporados no estudo outros desdobramentos e condições específicas, seja no que tange às suas relações com esferas de atividades profissionais, ou de outra ordem, mercados e instituições<sup>3</sup>.

Quanto aos professores de teologia, um primeiro ponto que contribui para torná-los um caso heurísticamente importante, além de sua posição específica frente aos demais e, particularmente aos das ciências sociais aplicadas, são suas vinculações com a esfera universitária e, por outro lado, com as respectivas igrejas (Católica e IECLB) enquanto instituições com pretensões universais e fortemente interdependentes dos confrontos políticos-ideológicos, tanto em âmbito internacional como “local”.

Trata-se de professores de teologia de igrejas que têm na cultura erudita a base principal de legitimação da autoridade, teológica e eclesial, e, simultaneamente, esta relação específica com a cultura escolar erudita mantém um histórico de tensões e conflitos com a chamada “sociedade” ou “racionalidade moderna”. Por outro lado, na própria dinâmica da inserção de agentes destas igrejas nos confrontos políticos-ideológicos, particularmente através de suas posições tidas como mais “progressistas”

e heterodoxas, há uma tendência de crescente utilização das ciências humanas e sociais, com objetivos e em modalidades diversas. Porém, apesar desta diversidade de usos, o que importa destacar, e que constitui uma das hipóteses principais em pauta, é que não se trata somente das questões relativas às “fronteiras” e às “transposições” do conhecimento originário do espaço escolar para o da militância, objeto de trabalhos realizados sobre situações de países centrais, como aquele editado sob a direção de Hamman, Méon e Varrier (2002), mas de usos das ciências humanas e sociais em condições nas quais o fundamento básico ou adesão primordial fica a cargo das premissas teológicas e dos objetivos que animam a ação dos agentes das igrejas em pauta.

Além desta “superposição integrada”, na qual as ciências humanas e sociais são postas a serviço da “empresa de salvação” e de seus novos princípios de legitimação e práticas religiosas, outro ponto, paralelo a isso, deve ser destacado, como eixo central de análise: trata-se das novas condições de oposição nas relações centro/periferia e, mais especificamente, dos confrontos associados às novas heterodoxias. Porém, apesar do evidente peso destas mudanças nas relações centro/periferia em ambas as igrejas tomadas, suas condições frente a este processo são distintas, inclusive, devido às suas particularidades históricas e institucionais<sup>4</sup>.

No caso da Igreja Católica, com a diminuição da rigidez do monopólio de sua cúpula internacional no estabelecimento dos princípios legítimos, simultaneamente, de definição teológica e de relacionamento com outras esferas sociais, em estreita as-

3. Os professores de direito e suas relações com as mudanças no espaço jurídico constituem o trabalho de tese de doutorado de Fabiano Engelmann (2004).

4. Sobre as noções de “centro” e “periferia”, ver particularmente Badie (1994, p. 111-133).

sociação com o polo mais heterodoxo deste campo religioso, passaram a se fortalecer posições mais “periféricas” (em termos culturais e políticos e não apenas geográficos). O efeito mais conhecido disso é a chamada “teologia da libertação”, que abrange também os professores da outra Igreja em pauta, a Igreja de Confissão Luterana no Brasil (doravante designada apenas como IECLB). Neste caso, porém, por se tratar de uma igreja cuja sede, após um longo processo de institucionalização com muitas tensões, ambivalências e conflitos, acabou destacando a nova classificação como estando “no Brasil” como um princípio definidor, os problemas de suas relações com o “centro” adquirem características próprias. Neste caso, porém, por se tratar de uma igreja cuja sede central, após um longo processo de institucionalização com muitas tensões, ambivalências e conflitos, se situa no Brasil, acabou inclusive destacando isso como emblemático. Consequentemente, os problemas de suas relações com o “centro” adquirem características próprias. Para o que está em pauta, importa destacar as condições e os processos no que tange às relações entre religião, igreja e identidade étnica e nacional, em suas novas configurações.

Por fim, ainda nesta perspectiva dos efeitos das novas condições das relações centro/periferia, cabe destacar como eixo de análise um processo que pode parecer paradoxal: se, por um lado, estas heterodoxias, como a “teologia da libertação”, têm uma forte marca de “periferia”, tais como sua linguagem e inclusive toda uma simbologia associada ao “terceiro mundo”, a maior parte de seus formuladores e difusores caracterizam-se não apenas por ter obtido a titula-

ção escolar mais alta em países centrais, como, também, por terem passado boa parte do percurso profissional nos mesmos. Ou seja, as tensões nestas relações centro/periferia atravessam seus próprios trajetos sociais e inserção institucional. Dito de outro modo, a hipótese é a de que estes movimentos são o resultado de confrontos entre elites culturais e religiosas e, portanto, não decorrem da mera situação “periférica” ou “central”, mas de seu confronto. Isso vai ao encontro de outros processos, vinculados a movimentos “intelectuais” ou ideológicos (como a teoria da dependência e assemelhados) dos quais decorrem determinadas formulações das próprias ciências sociais relativas às relações centro/periferia, embora através de outros esquemas de percepção e de definição, que podem se interconectar, intensificando as interações entre as “ciências sociais” ou a “sociologia” e os confrontos teológicos.

## 2 Condições sociais de origem e o universo religioso e escolar

Os professores de teologia formam uma categoria muito específica não apenas quanto às origens, mas também ao trajeto escolar e profissional. Deixando-se de lado os que atuam nos cursos de “cultura religiosa” e tomando apenas os professores de dois dos cinco cursos de pós-graduação em teologia estrito senso (um católico, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e outro luterano, da Escola Superior de Teologia - EST), ao se tomar as origens sociais, com base na profissão do pai, o primeiro ponto que se destaca é a alta proporção de filhos de pequeno ou médio agricultor<sup>5</sup>. Ao se tomar o conjunto dos que têm

5. Além dos professores do curso de pós-graduação da PUCRS (Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul) (mestrado) e da EST (Escola Superior de Teologia) da IECLB (mestrado e doutorado), para outros indi-

o título mais alto em teologia atuando no Rio Grande do Sul, mais de uma terça parte (36,36% contra 11,70% para o conjunto dos professores de ciências humanas e sociais) são filhos de pequeno ou médio agricultor. Essa proporção eleva-se ainda mais se tomados somente os que concluíram o equivalente ao segundo grau em seminários católicos ou luteranos (50,72% e 11,70%, respectivamente). Porém, mais que a condição de classe enquanto posição social, o que se destaca é a condição “periférica” das categorias de profissão do pai, que além de agricultores, inclui trabalhadores urbanos autônomos (14,3% contra 7,4% para o conjunto dos professores de ciências humanas e sociais no Rio Grande do Sul), professores do ensino primário/secundário (14,3% e 3,6%, respectivamente) e funcionários do comércio ou setor de prestação de serviços (14,3% e 10,2%, respectivamente), ou seja, em geral, categorias profissionais que podem ser associadas com uma posição social de origem “periférica”. Em associação com estas origens sociais, as origens geográficas também mantêm um peso muito maior do “interior”, ou seja, quase metade (45,45% contra 17,18% do universo dos professores de ciências humanas e sociais) dos professores de teologia no Rio Grande do Sul nasceu na área rural do respectivo município. A isso

se acrescentam outras características demográficas, dentre as quais, a muito maior extensão do grupo familiar de origem. Novamente, tomando-se apenas os professores dos dois cursos para os quais se dispõe de informações, o dobro dos professores de teologia tem sete ou mais irmãos (20% contra 10% para o conjunto), o mesmo ocorrendo com as faixas imediatamente abaixo (10% contra 3,7% com seis irmãos). Mas, além desta maior extensão do grupo familiar de origem, para uma boa parte, há uma forte associação do conjunto dos irmãos com a escolarização, inclusive universitária. Ou seja, ao mesmo tempo em que o número de irmãos é maior que o conjunto dos professores de ciências humanas e sociais, os professores de teologia têm um maior número de irmãos com curso superior (por exemplo, 22,2% contra apenas 5,8% para o conjunto têm cinco e 11,1% contra 6,6%, respectivamente, têm quatro irmãos com curso superior). Além disso, uma proporção maior de professores de teologia tem algum irmão que também é professor universitário (35% contra 25,6% para o conjunto dos professores de ciências humanas e sociais). Outra característica demográfica que deve ser destacada, tendo em vista o que é apresentado adiante, é a forte associação entre as origens sociais com determinadas referências

cadros foram incluídos os do CES/ISI (Centro de Estudos Superiores/Instituto Santo Inácio) de Belo Horizonte (mestrado e doutorado), da PUCRJ (Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro) (mestrado e doutorado) e da UNIFAI (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, com mestrado) de São Paulo. Em síntese, foram incluídos todos os professores dos cinco cursos de pós-graduação estrito senso e excluídos os outros cinco de ciências da religião. Desses cinco cursos de teologia, se conseguiu informações mais ou menos sistemáticas para cerca de oitenta e cinco professores. Ao mesmo tempo foram rastreadas todas as revistas destes cursos e as demais publicações de seus professores. Conforme dados da CAPES, em 2002, além dos cinco cursos de pós-graduação estrito senso em teologia (CES, PUCRJ, PUCRS, EST e UNIFAI), existia cinco cursos de ciências da religião: UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), UCGO (Universidade Católica de Goiás), UPM (Universidade Presbiteriana Mackenzie), UMESP (Universidade Metodista de São Paulo) e PUCSP (Pontifícia Universidade de São Paulo). O conjunto destes cursos contava, então, com um total de 102 professores, entre mestres e doutores.

étnicas. Ao se tomar apenas os professores de teologia do Rio Grande do Sul, isso se manifesta particularmente na forte proporção dos descendentes de alemães (81,82% contra 20,80% do conjunto de professores de ciências humanas e sociais com sobrenome indicando exclusivamente neste sentido). Porém, ao tomar o conjunto dos professores dos cinco cursos de pós-graduação em teologia no Brasil, apesar da diminuição dos descendentes de alemães, sua participação continua muito significativa (27,1% do total dos 85 professores), a exemplo dos descendentes de italianos (15,3%), embora abaixo dos de ascendência portuguesa e/ou espanhola (27,1%)<sup>6</sup>.

Estas condições sociais de origem, como seria de se esperar, estão diretamente associadas com o trajeto escolar e neste sentido, além do evidente peso dos seminários católicos e luteranos, outra característica que se destaca é a condição, em geral, mais “periférica” das instituições escolares. No que tange ao colégio de conclusão do equivalente ao segundo grau dos professores de teologia do Rio Grande do Sul, a quase totalidade (90,00% contra 45,67% do conjunto de professores de ciências humanas e sociais) o concluiu no interior do estado. Por outro lado, algo diretamente vinculado aos itens seguintes, ou seja, os professores de teologia constituem a categoria com maior participação em estudos no exterior. Do total de professores de teologia no Rio Grande do Sul, a quase totalidade (95,20% contra 58,90% para o conjunto dos professores de ciências humanas e sociais) e todos os luteranos, realizaram algum curso nos centros internacionais. A maior proporção

destes cursos no exterior é de doutorado (52,04% contra 31,5% para o universo total), seguidos pelos de mestrado (28,6% e 5,4%, respectivamente). Metade (50% contra 1,7% para o conjunto) dos professores de teologia dos dois cursos no Rio Grande do Sul obteve seu título mais alto em instituições situadas na Itália/Vaticano e mais de uma quarta parte (27,3% contra 6,2% para o conjunto) em instituições da Alemanha/Áustria. Mas, ao tomar o conjunto dos professores dos cinco cursos de pós-graduação em teologia no Brasil, e não apenas os dois no Rio Grande do Sul, os resultados quanto aos estudos no exterior são praticamente os mesmos. Do total de oitenta e um professores com informações disponíveis, a quase totalidade (82,4%) realizou algum curso nos centros internacionais, via de regra, de doutorado (85,9% dos que realizaram algum curso no exterior) e o restante de mestrado (9,4% de mestrado). Também a exemplo dos professores de teologia no Rio Grande do Sul, embora em menor grau, quase metade (41,2%) do conjunto de professores dos cinco cursos de pós-graduação em teologia no Brasil obteve seu título mais alto em instituições situadas na Itália/Vaticano (com destaque da participação da Universidade Gregoriana), seguidos pelas instituições alemãs / austríacas (18,8%) e brasileiras (21,2%), com uma pequena participação, ainda, de instituições belgas (5,9%) e outras no exterior (4,7%). Porém, o local ou instituição de obtenção do título mais alto não contempla todas as modalidades de estudos no exterior, sendo que, na maior parte dos casos, o trajeto escolar inclui diferentes cursos, tais como mestrado

6. Em termos gerais, estas indicações aplicam-se também para o episcopado da Igreja Católica, pelo menos no que tange ao Rio Grande do Sul, como pode ser constatado em Seidl (2003, p. 96-133).

do e doutorado (14,1%), graduação e doutorado (9,4%), embora as informações não sejam exaustivas, visto que para boa parte, são apresentadas as informações relativas apenas ao título mais alto. Em síntese, do conjunto dos professores de teologia destes cinco cursos de pós-graduação, apenas para uma pequena parte (5,9%) não se dispõe de informações sobre a realização de, pelo menos, um curso no exterior.

### **3 As relações entre Teologia, ensino universitário e usos das ciências humanas e sociais para o catolicismo**

A intensificação dos usos das ciências humanas e sociais pelas igrejas em pauta, e as tensões decorrentes, resultam da confluência de uma série de condições, de âmbito internacional e local. Porém, devido às suas condições relativamente específicas, há uma diferença relativamente profunda entre a Igreja Católica e a IECLB, e particularmente, no que tange às modalidades de inserção em âmbito internacional. Portanto, em muitos aspectos elas devem ser abordadas separadamente.

A maior centralização da Igreja Católica é vista por alguns professores de teologia, como a razão principal da grande frequência de estudos no exterior. Como a teologia é um curso universitário cujos alunos já ingressam com “interesse eclesástico” e, assim, com destino profissional, em princípio, já definido, seria uma “faculdade atípica, porque os alunos que procuram a teologia têm interesse eclesástico”, há um número mais reduzido de alunos e “a própria Igreja oferece bolsa”, além de uma série de organizações internacionais vinculadas à mesma. Mas, além disso, no caso da teologia católica, “os currículos são aprovados pela Igreja, não existe liberdade de currículo” e “a

maioria dos professores é formada na Europa” (entrevista com o professor de teologia E. da S. Santos, 2004).

Por outro lado, é importante notar que, embora a teologia luterana possa ser menos “centralizada” ou, pelo menos, cujo controle não ocorre nos centros internacionais, ao manter um esquema institucional de oferta de bolsas, acaba tendo efeitos semelhantes. Uma das consequências disso é a diminuição dos efeitos das condições sociais de origem para o ingresso no sistema escolar e para a realização de cursos no exterior. Como destaca um professor de teologia da EST, com doutorado na Alemanha, filho de pequeno agricultor, que desde o início de seus estudos contou com bolsas da Igreja, tratando-se de alguém “do interior, de família de poucos recursos e chegar a concluir um doutorado” devido a “uma política da Igreja, que tem essa visão de preparar pessoas para essas carreiras na área das ciências humanas, especialmente a teologia, mas também outras”. Logo depois de formado, passou um período como pastor em São Paulo, mas graças à atuação em conjunto com organizações internacionais, passou um ano na Alemanha num programa de intercâmbio, para posteriormente ingressar como aluno em cursos de pós-graduação. Porém, ao regressar da Alemanha e de “estar deslumbrado com o que existe lá”, voltou a atuar como pastor no interior do Mato Grosso do Sul e, mais tarde recebeu uma bolsa para fazer doutorado na Alemanha. Após a conclusão do doutorado, ingressou numa terceira fase da instituição (EST), na qual eram recebidas bolsas de instituições internacionais, como a Igreja Evangélica da Alemanha e a Federação Luterana Mundial, dentre outras, para sua “formação completa”, ou seja, inclusive a graduação no exterior (entrevista com o professor de teologia

S.V. Noé em 2004). Este trajeto, no entanto, é muito semelhante ao da maior parte dos professores de teologia luteranos, inclusive do atual presidente da Igreja (em 2005).

No que tange à Igreja Católica, como é sabido, um dos principais marcos históricos das tendências das quais resultaram as novas condições de relacionamento com a esfera universitária e os usos das ciências sociais, no bojo de um processo mais amplo de redefinição das relações de seus agentes e hierarquias com o conjunto dos leigos e com as demais esferas sociais, é o Concílio Vaticano II. A isso se acresce as condições dos confrontos em âmbito internacional e a inserção desta Igreja como posição político-ideológica, seja na bipolarização durante a guerra fria ou no período posterior. Além disso, com a expansão recente das ONGs e sua atuação nos países do Terceiro Mundo, aumentou também a interferência de organizações religiosas através das mesmas. Trata-se, principalmente das ONGs cristãs, boa parte das quais com apoio do Vaticano, em concorrência com as muçulmanas e das cristãs fundamentalistas (evangélicas, protestantes ou adventistas) com base

nos Estados Unidos e na Alemanha (COHEN, 2004, p. 382-383)<sup>7</sup>.

Porém, os efeitos destes condicionamentos mais gerais devem ser apreendidos em conjunto com a posição da Igreja Católica em âmbito nacional ou local, seja frente ao conjunto do espaço social, às lutas político-ideológicas e, para o que está em pauta, particularmente em suas relações com a expansão do ensino universitário nas últimas décadas e os usos das ciências humanas e sociais. Quanto a isso, um primeiro ponto que se destaca é o conhecido forte peso da Igreja Católica na expansão do ensino universitário enquanto “empreendedora”, seja mais diretamente nos estabelecimentos classificados como confessionais ou, então, de fundações cujas origens remetem a organizações eclesiais, como determinadas ordens (jesuítas, franciscanos, dominicanos, maristas, etc.). Portanto, no caso em pauta, a participação do ensino vinculado à Igreja Católica não constitui apenas uma espécie de “nicho” específico, diretamente associado a determinadas categorias sociais, como no caso francês, onde a parte principal

7. Sobre os efeitos da “globalização” para diferentes igrejas e condições nacionais, ver Bastian, Champion e Rousselet (2001). Para uma análise destes confrontos em âmbito internacional da perspectiva do protestantismo, ver particularmente Colonomos (2000) e para uma análise marxista do Concílio Vaticano II, ver Casanova, (1969). Conforme Colonomos (2000, p. 100-103. Grifos no original), na difusão do ecumenismo protestante na América Latina a partir dos anos sessenta “figura de proa deste tipo de exportação” é o “intelectual-teólogo” e neste processo “as questões teológico-políticas” são abordadas, simultaneamente, “do ponto de vista das ciências sociais e da teologia”. Consequentemente, “o tipo de reflexão iniciada nos círculos ecumênicos reflete um saber bem particular. Querendo fazer uma síntese entre ciências sociais e teologia, os movimentos ecumênicos chegam a um resultado bem específico que fez o sucesso da difusão de seu pensamento: o ecumenismo do saber”. Nesta situação “de um lado, as ciências sociais são avaliadas da ótica da teologia; de outro, a teologia se legitima pela multiplicação das referências a diversas ciências sociais”. Por sua vez, a partir dos anos oitenta e noventa, com o avanço de movimentos religiosos como o pentecostalismo, os carismáticos e a “teologia da libertação” na América Latina e o fim da bipolarização consequente da guerra fria, o Vaticano teria posto em prática novos investimentos e estratégias de inserção no plano internacional, que consistiriam particularmente em novas modalidades de práticas religiosas e de relações com os leigos, dentre as quais, o reforço dos movimentos carismáticos (ver COLONOMO, 2000, p.243-262).

está sob o comando de instituições públicas, sendo que, no caso em pauta, se trata de um dos segmentos mais significativos.<sup>8</sup>

Ao abordar os estabelecimentos de ensino universitário, de algum modo, vinculados à Igreja Católica, é necessário especificar os diferentes “empreendimentos” e lógicas sociais que estão na base e que concorrem entre si, mesmo ao se tomar uma única instituição. Neste sentido, uma primeira lógica e princípio de legitimação com base no qual são elaboradas estratégias institucionais e práticas sociais é a própria igreja enquanto instituição e interesses dirigidos ao ensino universitário, constituindo-se em investimentos institucionais e culturais da própria Igreja, seja em concorrência com outras igrejas, ou em contraposição àquilo que via de regra é classificado como ideologias “modernas” ou “anticlericais” (o “ateísmo”, o “cientificismo”, o “individualismo”, o “immanentismo”, etc.). Em todo caso, esta dimensão mais especificamente “religiosa”, de valores culturais ou morais, ou como instituição religiosa dos estabelecimentos de ensino universitário ligados à Igreja Católica tem mais importância para uma quantidade relativamente restrita daqueles que mantêm algum tipo de vínculo com os mesmos, seja na condição de professor, de aluno, ou em outra. Em termos quantitativos, as lógicas que predominam neste tipo

de instituição são as do mercado de títulos escolares e de trabalho como professor. As tensões entre estas diferentes lógicas e interesses provocam constantes tomadas de posição e controvérsias, que envolvem, particularmente, as dificuldades de expansão ou aprofundamento dos empreendimentos estritamente eclesiásticos / religiosos<sup>9</sup>.

A existência desta diversidade de lógicas e interesses sociais nos estabelecimentos de ensino vinculados à Igreja Católica, no entanto, não exclui a centralidade cultural do pensamento católico e da formação dos respectivos especialistas. Porém, para uma melhor apreensão disso, um primeiro elemento a ser considerado é a já mencionada forte vinculação histórica da Igreja Católica com o ensino universitário, visto que seus especialistas têm na titulação escolar e, particularmente, nos cursos de filosofia e de teologia, uma das bases de inscrição institucional. Além disso, é necessário considerar as novas condições de relacionamento, institucional e didático-pedagógico, entre os cursos de teologia e filosofia dirigidos à formação do pessoal da Igreja e o conjunto dos cursos universitários.

Após o período de crise do recrutamento decorrente das novas definições do ensino nos seminários que se seguiu ao Concílio Vaticano II, além da retomada do fluxo de entrantes ou o “reflorescer dos seminários”

8. Sobre as relações entre o ensino jesuítico e determinados segmentos socialmente dominantes, particularmente a burguesia católica tradicional, na França, ver Bourdieu (1989, p. 400 e 419) e Faguer (1991). Sobre as mudanças no ensino católico secundário, também na França, ver Bonvin (1982).

9. As relações entre as instituições eclesiásticas e as escolares e sua evolução e interesses em jogo podem ser constatadas, inclusive, nas histórias oficiais destes estabelecimentos. Sobre a ordem dos Maristas, seus vínculos com o clero francês e suas relações com o ensino secundário e universitário no Rio Grande do Sul, e particularmente com o ensino teológico, bem como seus confrontos com as chamadas “ideologias positivistas”, podem ser consultado, dentre outros, João e Clemente (1995) e quanto aos jesuítas, UNISINOS (1999) e sobre seus investimentos na educação das “elites regionais”, a formação do ensino universitário e a chamada “geração católica”, Trindade (1982). Sobre a formação do ensino teológico luterano e suas relações com a imigração alemã, ver particularmente Dreher (1983).

(GRINGS, 1978, p. 40), ocorreu uma progressiva maior aproximação entre o ensino nos chamados seminários maiores (encarregados dos cursos superiores de teologia e de filosofia) e as universidades católicas. Com isso, progressivamente, o ensino de teologia passou a fazer parte da oferta de cursos regulares destes estabelecimentos e, em muitos casos, houve, inclusive, a incorporação institucional dos antigos seminários. Isso seria um fenômeno particularmente da década de noventa do século passado, quando a teologia começou a “migrar” para o “ambiente universitário”, através da incorporação de antigos institutos ou seminários em universidades católicas ou com a criação de outros. A isso se acresce a criação de cursos de pós-graduação em ciências da religião e o reconhecimento oficial da teologia como componente das ciências humanas (PALÁCIOS, 2003, p. 73-79).

Simultaneamente a esta maior integração do ensino teológico nos estabelecimentos universitários, ocorreu a expansão do público visado, deixando de se restringir aos candidatos às carreiras eclesiais religiosas, para abranger também leigos interessados em formação religiosa específica. Embora nesta expansão de público estejam presentes pretensões de formação de responsáveis pelo ensino religioso para leigos, seja na condição de professor de “cultura religiosa” no ensino secundário ou universitário ou simplesmente como “catequista”, está em pauta um conjunto de investimentos que vai muito além.

Em termos mais gerais, entra em pauta a nova condição da teologia e seu ensino, até então sob o domínio institucional exclusivo e direto da Igreja, que passa a compor o elenco de disciplinas universitárias, o que provoca tanto redefinições de seu estatuto cultural e “científico” como ambivalências

e, inclusive, resistências por parte de teólogos. Um dos principais resultados formais ou institucionais deste processo, em âmbito nacional, é a mencionada classificação da teologia como uma disciplina que compõe as chamadas ciências humanas na legislação pertinente (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1999). Mesmo para professores de teologia do polo heterodoxo, ou “progressista”, paralelamente à integração da teologia no ensino universitário ou na “academia” ocorreu o desenvolvimento de “teologias particulares”, com uma maior fragmentação de interesses, perspectivas e de abordagens” e, conseqüentemente, um “profundo desamparo”. Este “desamparo”, conforme os professores de teologia, é decorrente do encontro da teologia com a “racionalidade moderna” e, particularmente, da interação com as ciências sociais, visto que, se a “razão teológica” não “suprassume a realidade”, submetendo-a à “lógica da fé”, acaba perdendo-se na “lógica da razão moderna” (PALÁCIOS, 2003, p. 79).

Esta integração do ensino de teologia na esfera universitária e sua nova classificação como integrante das ciências humanas e a criação de cursos de graduação e de pós-graduação nos moldes das demais áreas ou disciplinas, propicia as condições para a intensificação dos usos das ciências humanas e sociais. Este processo, no entanto, como já mencionado, não implica apenas numa maior “hibridação” ou “amalgama”. Ou seja, esta “hibridação” adquire características próprias nesta configuração e a melhor definição talvez seja a da “justaposição”, visto que é formada uma hierarquia entre as disciplinas cujo princípio básico é sua proximidade com a teologia ou o que a define, ou seja, o “transcendente”, associado à crença e à formulação de sentido, na qual as ciências humanas e sociais seriam “auxiliares”,

com um caráter “instrumental”. Portanto, os temas e problemas clássicos da análise de concepções e usos das ciências sociais devem ter em vista essas condições, nas quais a posição “periférica” não significa somente maior ou menor fragilidade escolar, mas, principalmente, uma perspectiva específica a partir da qual são apropriados e redefinidos não apenas produtos das ciências humanas e sociais, mas a própria razão de ser das mesmas.

Ocorre que os trabalhos sobre as relações entre a lógica escolar ou de produção científica e a da apropriação dos resultados desta produção científica para a militância nos países centrais, via de regra, tomam como ponto de partida sua separação no âmbito das práticas sociais e das estruturas institucionais. Sendo assim, trata-se, em geral, de problemas relativos à reconversão de produtos entre estes diferentes universos e lógicas sociais. Assim, Siméant (2002), ao sintetizar as tendências observadas numa série de trabalhos apresentados num seminário, dentre os usos militantes dos discursos científicos destaca, em primeiro lugar, dois pontos comuns que resumem estes trabalhos, a saber: a utilização do conhecimento “expert” e “savant” de maneira generalizada na ação ou ativismo político e as fronteiras fluidas entre os discursos e universos “savants” e militantes e as maneiras múltiplas dos fluxos. Assim, Siméant (2002), ao sintetizar as tendências observadas numa série de trabalhos apresentados num seminário, dentre os usos militantes dos discursos científicos destaca, em primeiro lugar, dois pontos comuns que resumem estes trabalhos, a saber: a utilização do conhecimento “expert” e “savant” de maneira generalizada na ação ou ativismo político e as fronteiras fluidas, com fluxos múltiplos entre os discursos e universos “savants” e militantes. Uma das tendências é

a “utilização da autoridade social e intelectual da ciência”, ou seja, sua “instrumentalização”. Mas, o “uso das ciências em geral e das ciências sociais em particular na militância pode ocorrer como garantia de credibilidade, como fundamento de diagnósticos, como reflexão sobre suas próprias condutas, ou ainda enquanto apoio no sentimento de justiça da causa” (SIMÉANT, 2002, p. 20-26). Assim, na passagem do discurso “savant” para a atividade militante, uma modalidade é constituída pela utilização dos títulos acadêmicos em nome de outros espaços e para tomar posições que não têm a ver com sua especificidade. Uma segunda categoria é aquela da importação do “discours savant” em espaços de militância ou oficinas de “expertise”, com algum tipo de “acompanhamento posterior” (SIMÉANT, 2002, p. 27-31). De qualquer modo, é “sempre no quadro de uma sociologia dos campos” que seria possível “vislumbrar as lógicas de restabelecimento, de reclassificação, que estabelecem os investimentos militantes de pessoas para as quais as gratificações universitárias são fracas [...] e, ao inverso, os investimentos científicos de certos militantes” (SIMÉANT, 2002, p. 38). De modo semelhante, B. Gaïti, na mesma publicação, destaca que em casos extremos, a “porosidade das fronteiras” pode ser estrutural, visto que a politização do conjunto das atividades sociais freia todo processo de autonomização da atividade “savante” (GAÏTI, 2002, p. 295). A produção do valor político de recursos decorrentes da ciência, como o interesse dos “savants” em intervir na política “antes recompõe, que destrói os efeitos de campo” (GAÏTI, 2002, p. 299). Trata-se do trabalho de Féron sobre a Irlanda do Norte, mas este não constitui um caso que sirva como parâmetro, visto que a “hiperpolitização” constatada decorre de uma situação de conflito bélico ex-

plícito, e o próprio objeto do trabalho consiste na “tensão entre o ideal de neutralidade, e o peso dos acontecimentos sobre a pesquisa” (FÉRON, 2002, p. 272). Em síntese, o ponto de partida é sempre um “ideal de neutralidade” e não de utilização generalizada das ciências humanas e sociais para causas mais gerais, dentre as quais, as da “empresa de salvação”<sup>10</sup>.

Ocorre que, como já mencionado, estes trabalhos têm como ponto de partida a existência de campos relativamente autônomos, seja aquele da produção científica em geral, da militância política, da sociologia, enquanto que no caso em pauta, e não apenas no que tange à teologia, mas ao conjunto das disciplinas das ciências humanas e sociais, sua utilização sempre está a serviço de algum *à priori* ou adesão primordial, seja o “transcendente”, a “revelação” ou algo semelhante no caso da teologia, seja as crenças ou filosofias sociais e políticas que embasam o militantismo ou, ainda, a aplicação prática de técnicas de engenharia institucional em diferentes esferas sociais, em nome de outros “universais”, em outras disciplinas. Nestas condições, há uma hierarquia na qual a teologia ocupa o topo, ou como declara um professor de teologia da PUCRS,

[...] a teologia [...] ocupa um espaço mesmo aqui na PUC, um espaço fundamental, de apontar para mais longe, apontar não só, como as outras ciências que muitas vezes apontam para o como acontece. Nós apontamos o porquê acontece. A técnica é o como, mas

nos interessa, é importantíssimo para o ser humano, ele questiona pelo porque, o motivo, a finalidade [...] o motivo de tudo isso” (entrevista com M. A. S. dos Santos em 2004).

Nestas condições do ensino da teologia, o “racionalismo aplicado”, que fundamenta o polo com maiores pretensões de autonomia nas ciências sociais, é definido negativamente como “imanentismo” e substituído por estes outros *à priori*, no caso específico da teologia, a “verdade revelada”. Conjuntamente com a tendência à maior dependência das instâncias de consagração internacionais e da esfera política decorrente das condições “periféricas” de produção cultural, como já destacado por Sigal (1996), há um outro elemento que parece decisivo para ser considerado. Trata-se da própria noção de “racionalidade” subjacente nestas análises e nas condições em pauta, mas que não se restringe apenas às condições “periféricas”. Ocorre que na bibliografia supracitada e suas bases epistemológicas, a “racionalidade” própria às ciências sociais é distinta daquela dos agentes, não apenas devido ao grau, mas ao significado do conhecimento. Trata-se das diferenças entre a “lógica teórica” e as “lógicas práticas” ou “sócio-lógicas” (BOURDIEU, 1980, p. 87) em que se inserem os protagonistas das ações sociais. Além disso, as ciências sociais e, mais especificamente, a sociologia se situaria no polo mais diretamente associado à maior autonomia e às ciências, em oposição ao polo temporal ou politicamente forte do cam-

10. Isso vai na mesma direção de Lahire (2002, p. 43-65), o qual, ao abordar as relações da sociologia com seus usos sociais, propõe um esquema baseado na distinção entre “sociologia experimental” e “sociologia social” (análoga à distinção de Bourdieu entre a “arte pela arte” e a “arte social”). O primeiro, o “sociólogo experimental” não estaria isento, mas “o engajamento e a indignação” seriam antes de tudo “científicos”, ao contrário do “sociólogo social”, mais próximo do militante político e com “engajamento e indignações de natureza essencialmente social e política”. Em síntese, para o primeiro, o objetivo é “abraçar a causa da ciência” e para o segundo, a “dos dominados”.

po escolar, representado pelo direito e pela medicina (BOURDIEU, 1994, p. 82). Por outro lado, nas condições estudadas entra em pauta uma concepção de ciências humanas e sociais conforme a qual as mesmas se interpõem entre o agente ou protagonista social e seu objeto de ação. Neste sentido, os especialistas em ciências humanas e sociais atuam como uma espécie de “intelectuais”, situados entre o agente e o respectivo objeto de sua ação e, sendo assim, apesar da diversidade de “especializações”, não haveria maiores diferenças entre a sua produção e seus usos, bem como entre as diferentes áreas e disciplinas.

Conjuntamente com esta maior integração do ensino da teologia com a esfera universitária, na qual o público visado já não se restringe aos candidatos a profissionais da Igreja estrito senso, através da intensificação das relações com as ciências humanas e sociais, a teologia passa a ter pretensões bem mais amplas que a mera esfera eclesial. Ou seja, com a formação de uma rede de cursos de graduação e de pós-gradu-

ação em teologia e com o maior uso das ciências humanas e sociais, tende a se fortalecer o polo mais diretamente voltado para as questões “seculares”, sejam de ordem “cultural” ou “social”, em oposição ao polo estritamente voltado para a “verdade revelada” ou a “empresa de salvação”. Uma das consequências mais diretas deste processo é a ampliação, com uma maior diversidade de posições no interior do próprio campo religioso, seja no âmbito do catolicismo, ou do conjunto das religiões próximas, e de suas relações com determinadas esferas sociais e problemáticas legítimas, frente às quais os agentes destas igrejas atuam como mediadores culturais. Isso foi ampliado ainda mais com a criação recente dos cursos de “ciência da religião” os quais, apesar de sua distinção formal relativamente aos de teologia, têm evidentes relações fortemente normativas com o campo religioso<sup>11</sup>.

Por fim, como se trata de uma tendência que envolve o conjunto das igrejas cujos princípios de hierarquização e de legitimidade têm como base o capital escolar e, por

11. Além das semelhanças quanto às origens e trajetórias sociais e escolares de boa parte dos professores de teologia e dos cursos de ciências da religião, algumas apresentações, inclusive formais, destes cursos não escondem suas vinculações. Este é o caso, por exemplo, do curso de mestrado em ciências da religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que, dentre seus objetivos oficiais, é proclamado aquele de fomentar “o surgimento de lideranças religiosas, sociais, políticas e empresariais em sintonia com as demandas científico-culturais e histórico-sociais de nosso tempo no campo religioso” ou, ainda, de formar “docentes altamente qualificados para atuar nos campos da Teologia e no estudo do fenômeno religioso em suas relações com a sociedade brasileira”. Como uma das “linhas de pesquisa” é destacada a “busca dos traços da tradição Reformada na formação da mentalidade educativa, econômica e empresarial da sociedade brasileira” (informações disponíveis em 2004 na página: [www.mackenzie.com.br](http://www.mackenzie.com.br), em 20/08/2004). Ou seja, neste caso, trata-se inclusive, da transformação dos resultados dos trabalhos de M. Weber sobre as afinidades originais entre “protestantismo” e “espírito do capitalismo” numa espécie de nova “teodícea”, que, conforme constatado por Colonomos (2002; 2000, p. 265-270), para os Estados Unidos, chega a envolver inclusive católicos. Algumas tomadas de posição de defesa ou de recusa da junção dos cursos de teologia e de ciências da religião podem ser consultadas em Higuét (1999) e Cruz (1999). Para o primeiro, na separação entre teologia e ciências da religião haveria “um equívoco quanto às noções de ciência e de teologia”, visto que a “noção atual de ciência não pode mais se restringir às ciências empíricas” e a “teologia não é mais necessariamente a tentativa de justificar e tornar plausível racionalmente uma revelação religiosa” (HIGUET, 1999).

outro lado, como efeito de processos mais gerais ligados às alianças internacionais entre instituições próximas nos confrontos neste nível, há um relativo reforço da atuação conjunta, através do “ecumenismo”<sup>12</sup>. Isso pode estar associado ao fato de que se trata de igrejas cujos princípios de hierarquização e de legitimação têm como base o capital escolar, o que contribui para a diminuição das diferenças culturais. Consequentemente, emergiram diferentes novas associações representativas que têm como princípio de inclusão não apenas o mero pertencimento a determinada igreja ou “denominação” religiosa específica, mas categorias mais amplas, tais como, por exemplo, a dos “teólogos do terceiro mundo”<sup>13</sup>. Isso, no entanto, não exclui as fortes diferenças na utilização das ciências humanas e sociais na formação de novas “teodicéias” (WEBER, 1984, p. 412-417) ou “sociodicéias” (BOURDIEU, 1989, p. 388). Isso fica particularmente evidente nos amálgamas de exegese bíblica com produtos das ciências humanas

e sociais que fundamentam determinadas teologias heterodoxas, dentre as quais a “teologia da libertação”, ou então, nas vicissitudes das associações entre germanismo e luteranismo, abordadas a seguir.

#### 4 Os professores de teologia da IECLB e as novas configurações nas relações entre a identidade étnica e nacional e a Igreja

O caso dos professores da IECLB tem a vantagem heurística de exarcebar algumas tendências presentes também na Igreja Católica, além de apresentar algumas que lhe são próprias. Particularmente por se tratar de uma “igreja de imigração”<sup>14</sup>, os processos dos quais resultaram a atual IECLB são relativamente recentes e o que é mais importante para o que está em pauta, praticamente todas as dimensões de sua estrutura estiveram em questão num processo com muitas contradições, ambivalências e reconfigurações que marcaram seu relativamente curto período histórico.

12. Sobre as relações entre a intensificação do ecumenismo e a “globalização”, e seus limites, ver, particularmente, Bizeul (2001).

13. Sobre algumas das principais posições na Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (AETTM) pode ser consultado Brandt (1999) e sobre a Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), sua página na Internet (<http://www.redemptor.com.br>, em 10/06/2004). Além disso, existem aquelas associações mais tradicionais em âmbito nacional ou internacional, como o Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), cuja presidência no período de 1981 a 1987 esteve a cargo do futuro vice-presidente e presidente da IECLB (W. Altmann, em 2005) e o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (Conic), cuja presidência, no período de 1986 a 1990, esteve a cargo de um antigo presidente da IECLB (G. Brakemeier), o mesmo que ocupou a presidência da Federação Luterana Mundial no período de 1990 a 1997. Conforme o atual presidente da IECLC, o Conselho Mundial de Igrejas, criado como consequência da Segunda Guerra, seria um dos principais responsáveis pelo ecumenismo (entrevista com W. Altmann em 2004).

14. Sobre a IECLB como “igreja de imigração” e suas dificuldades em se tornar “igreja de missão”, ver particularmente Dreher (1983) e para um ensaio “de dentro”, ou seja, por um antigo teólogo professor de filosofia e especialista em imigração italiana, sobre “o catolicismo de imigração” próprio à imigração italiana no sul, suas diferenças relativamente ao restante do catolicismo brasileiro, seus confrontos ideológicos, “crise”, investimentos educacionais e usos das ciências sociais, ver Boni (1980). Para algumas indicações da expansão de algumas das características deste catolicismo das “colônias” para outras regiões do Brasil, principalmente através de agentes da Igreja e das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), ver Della Cava (1978, p. 250). As CEBs poderiam ser “a mais original contribuição dada ao Brasil e a sua Igreja Católica pelos descendentes de imigrantes alemães e italianos do século passado” (Idem).

Na medida em que na primeira fase da imigração alemã (das décadas de vinte à de sessenta do século XIX), como, via de regra, não houve a imigração conjunta de pastores, formou-se um “clero” sem titulação escolar e sem sanção institucional da respectiva igreja, contra o qual, posteriormente, houve um processo de desqualificação e de eliminação. Além disso, apesar de “evangélicos”, estes imigrantes alemães eram adeptos de diferentes confissões (particularmente reformados ou calvinistas e luteranos) e, por outro lado, a fidelidade estrita a alguma destas confissões religiosas constituía-se num problema que envolvia mais diretamente apenas os agentes de igrejas e não os leigos. Como se trata de um processo com muitas controvérsias e mudanças de orientação e, além disso, diretamente associado à cultura erudita, onde o processo identitário está associado com a produção escolar, ele é muito documentado. Conforme uma das descrições históricas das mais completas, elaborada por um professor de história ainda na condição de pastor e professor de teologia, como tese de doutorado na Alemanha (DREHER, 1983)<sup>15</sup>. A história desta igreja pode ser resumida no “caminho que fez com que ela, começando como igreja de imigrantes, viesse a se tornar Igreja indígena e autóctone, Igreja no Brasil” (DREHER, 1983, p. 13). Isso envolve uma primeira fase, que começa com o início da imigração alemã e o relativo “abandono” ou isolamento dos imigrantes, com o aparecimento dos chamados “pseudopastores” (sem titulação escolar e sanção institucional), os problemas relativos ao pertencimento a uma igreja não reconhecida oficialmente no Brasil e suas implicações no reconhecimento da ci-

dadania no período imperial, e aqueles associados às relações entre a identidade étnica ou “germanidade”, entendida como a língua e a identidade nacional e, por outro lado, a filiação religiosa. Após várias tentativas, já no início do século XX, parte dos imigrantes alemães não católicos formou o Sínodo Rio-Grandense e outra parte aderiu ao Sínodo de Missouri, o que provocou a desconfiança dos representantes do reino alemão e dos demais sínodos, com a acusação de infidelidade à “causa alemã”. Por sua vez, o Sínodo Rio-Grandense acabou formando uma igreja definida como “cristã”, “evangélica” e “alemã”, limitando-se à população de ascendência alemã e mantendo laços com as Igrejas Territoriais Evangélicas da Alemanha (DREHER, 1983, p. 97-191). Em todo caso, as relações entre “germanidade” e religião e, mais especificamente, entre descendentes de imigrantes no Brasil e as diferentes “confissões” teológicas na Alemanha continuaram a ser a principal questão, que se agravou na década de trinta com a ascensão do nacional-socialismo. Com a adesão ao nacional-socialismo de “cerca de dois terços dos pastores” (DREHER, 1983, p. 135), a proibição pelo governo brasileiro do ensino e da realização de cultos religiosos em língua estrangeira e a derrota militar alemã na 2ª Guerra, a crise que se seguiu provocou uma profunda mudança nas orientações dominantes. Isso, evidentemente, envolve mais diretamente os especialistas do campo religioso que os aderentes ao Sínodo, visto que é reconhecido que o que haveria de comum entre as “comunidades” rurais e as urbanas nas “colônias alemãs”, era “o fato de não apoiarem a luta pela preservação da germanidade, que seus pastores

15. Para outros estudos de representantes da IECLB sobre os diferentes credos dos quais resultaram a mesma, particularmente os reformados ou calvinistas e luteranos, ver Fischer (2003) e Silbert (2003).

fundamentavam teologicamente”. Em todo caso, para estes, a nova situação criou uma série de

[...] conflitos de consciência”, visto que por “um lado, existia uma teologia [...] na qual raça, sangue, idioma, etnia são tidas por dádivas da criação de Deus [...] e por outro lado havia o mandamento que exigia obediência à autoridade” (DREHER, 1983, p. 217).

Mas, apesar das ambivalências de seu então principal líder (pastor Dohms, nascido no Brasil e tendo passado boa parte de sua vida na Alemanha, em termos mais gerais, esta situação do pós-guerra provocou uma reorientação teológica desta Igreja, com uma parte tentando abandonar seu “antigo conceito de missão” e a consequente “perigosa relação de Evangelho e germanidade” e de “Igreja alemã no exterior”. A partir de então, a orientação dominante passou a ser a de “uma igreja no Brasil”. Em 1950 a federação de sínodos que deu origem à IECLB foi aceita no Conselho Mundial de Igrejas e, a partir de 1958, faz parte da Confederação Evangélica do Brasil (DREHER, 1983, p. 245-254).

Isso provocou a redefinição, também, da etnia, agora passando a ser classificada como “marginal” e em associação com determinados segmentos sociais tidos como marginalizados, o que pode significar, também, dificuldades de expansão e na concorrência com outras igrejas. Visto que se trataria de igreja de “classe média” e tendo os descendentes de imigrantes alemães como “cliente-la”, as transformações nas condições de reprodução social dos mesmos seriam responsáveis pela estagnação do número de adeptos, comparativamente ao crescimento da população brasileira (KLIEWER, 1989, p. 50-53; BRAKEMEIER, 1994, p. 47-60). Isso pro-

voca o surgimento de propostas como a de “romper as cercas” da “comunidade evangélica” e “diversificar os serviços”, dirigindo-se especificamente para categorias específicas, tais como “mulheres” e “universitários”, dentre outras. Mas isso esbarraria em determinados obstáculos. Por exemplo, conforme outro representante da IECLB, o “modelo eclesial” e os valores luteranos dificultam uma maior militância e “politização”, sendo que “a participação dos luteranos em movimentos sociais esbarram em dois problemas”, aquele da “espiritualidade tradicional” e o da “funcionalidade” (FUCHS, 1988, p. 198-301; 1998, p. 301; 1982, p. 64).

Portanto, para o que está em pauta, cabe destacar que na conformação desta Igreja os principais conflitos sempre estiveram vinculados com as dificuldades do relacionamento entre as definições e os usos da identidade étnica com a identidade religiosa, linguística e nacional, seja da ótica dos agentes dos sínodos no Brasil, do governo alemão em diferentes fases e regimes e das igrejas na Alemanha. Diversamente do caso dos imigrantes italianos, para os quais, após uma fase de tensões e relativa turbulência e conflitos, houve um processo de separação da identidade étnica frente à identidade nacional e religiosa (CORADINI, 1995). No caso da IECLB isso passou a ocorrer, de modo relativo, somente nas últimas décadas.

Além do processo de redefinição institucional da Igreja, que somente foi concluído na década de sessenta, uma das principais consequências disso foi a implantação do curso de teologia, para a formação de especialistas “autóctones”. Ou seja, se por um lado, há uma espécie de processo de “nacionalização” da Igreja, embora o alemão, até por razões práticas, continue sendo a língua principal, e os leigos sejam formados qua-

se exclusivamente de descendentes de imigrantes alemães (além dos que ingressam através do casamento, no período mais recente, em que isso é permitido) e as instituições de ensino na Alemanha continuem sendo o principal lugar de formação de pastores; há uma tendência de formação daquilo que é designado como pastores “autóctones”. Por “autóctone”, evidentemente, deve ser entendida a interrupção da formação exclusiva na Alemanha e, simultaneamente, da exclusividade da língua alemã no curso de teologia, para, numa fase seguinte, particularmente a partir das décadas de sessenta e setenta, iniciar aquilo que é visto e apresentado como inserção na “realidade brasileira”. Esta inserção na “realidade brasileira”, no entanto, comporta diferentes sentidos e condições. Quanto a este ponto, os respectivos trajetos sociais e escolares da maior parte dos professores de teologia da EST, bem como suas avaliações do trajeto da instituição, são muito semelhantes. Como um caso exemplar, pode ser sintetizado o trajeto de um professor e ex-reitor da mesma, que, após alguns anos como “pastor de comunidade”, no início da década de setenta foi “convidado” pela “direção da Igreja” para fazer cursos de pós-graduação no exterior. Após estudar em diferentes universidades dos Estados Unidos e da Alemanha e concluir o doutorado na Universidade de Marburgo no final da década de setenta, começou uma carreira de professor de teologia. Um dos efeitos disso foi a ênfase posterior à “questão de gênero” e outras questões específicas, associadas à “nos-

sa realidade”, sendo que posteriormente foram criadas disciplinas como “teologia feminista”. Isso, no entanto, não elimina o fato de que o mesmo se “atualiza periodicamente também na Alemanha”, tendo, inclusive, trabalhado como “assessor teológico” em Hamburgo, “trazendo a perspectiva brasileira e latino-americana” durante quatro anos. Ou seja, apesar desta “transição” para uma teologia “autóctone”, “nós queremos continuar com esse aporte da teologia europeia, norte-americana, abrindo para o terceiro mundo a teologia indígena, a teologia africana”. Em síntese, ao mesmo tempo em que seria criada esta teologia “autóctone”, houve a passagem de uma situação de “formação europeia” para uma de maior inserção “política e cultural” e a “inserção em outros contextos de formação”. Portanto, mais que uma reversão, ocorre um reposicionamento nas relações centro/periferia, com a emergência de uma relativa multipolaridade<sup>16</sup>. Simultaneamente, ocorre o reforço da posição mais diretamente associada a problemáticas legítimas até recentemente excluídas e dominadas. Ou nas palavras do próprio, nos anos sessenta, quando a escola tinha como base “uma teologia bastante europeia”, haveria muita “ingenuidade” em “questões políticas” e, nesse processo, começou a “se dar conta” de questões como a dos “direitos humanos, direitos políticos” e um maior envolvimento com militância, com o que muitos tiveram “problemas”, sejam internamente à própria Igreja, seja frente ao poder político (entrevista com Lothar C. Hoch, 2004).

16. Para uma discussão mais geral da noção de “contextualização” e de “inculturação”, bem como sobre os limites da “descentralização” em diferentes igrejas com o processo de “globalização”, pode ser consultado Prudhomme (2001). Nessa discussão, alguns autores, como Badie (2001), insistem na hipótese da “desterritorialização” nas relações centro/periferia entre atores religiosos. Uma das consequências disso seria uma certa “multiespacialização”, com espaços diferenciados para solidariedades distintas.

Portanto, esta transformação em igreja “autóctone” tem uma série de desdobramentos e significados, a começar pelo novo esquema de interpretação da condição étnica dos “alemães” no Brasil. Na medida em que as relações com a Alemanha, enquanto definidoras da identidade étnica e religiosa são redefinidas em contato com a “realidade” ou o “povo brasileiro”, criando as condições de outra perspectiva de redefinição da etnia, agora incorporando a condição de “marginalidade” como principal elemento definidor, a exemplo da “história” dos imigrantes e seus descendentes, que passa ser reinterpretada com base nessa ótica (ver particularmente FISCHER, 1977, p. 9-16). Isso possibilita uma reelaboração da história e a reapropriação do passado na qual a IECLB é apresentada como tendo sido “uma igreja de gente marginalizada, de pequenos proprietários rurais, não da classe dominante dos latifundiários”, embora mais recentemente “diminua a camada dos pequenos proprietários” e cresça a dos “trabalhadores nas cidades”. Desse modo, teria sido o “elemento novo na estrutura tradicional” brasileira. Os problemas que teriam ocorrido no passado são atribuídos à “nossa dependência do exterior” (DREHER, 1981).

Porém, se, por um lado, esta inserção na “realidade brasileira” significa uma menor dependência religiosa e cultural relativamente à Alemanha, que deixa de ser a referência exclusiva, e a redefinição dos vínculos com determinados segmentos sociais dominados, por outro lado, pelo menos num primeiro momento, equivale à associação com as elites culturais e, por extensão, “políticas”, das “colônias” e às ideologias e alinhamentos dominantes neste meio. Mesmo sem poder entrar em maiores detalhes, para o que está em pauta cabe destacar outra crise, desta vez de ordem principalmente polí-

tico-ideológica, como consequência do descompasso do *aggiornamento* das lideranças desta Igreja frente às novas configurações político-ideológicas em âmbito nacional e internacional.

Ocorre que, se por um lado, o protestantismo “histórico”, congregado em organizações como a Federação Luterana Mundial passou a estar associado a determinadas posições nos confrontos internacionais, como a defesa dos “direitos humanos”, por outro lado, a inserção na “realidade brasileira” da IECLB ocorria no período de ditadura militar (que, inclusive, teve como presidente um general luterano oriundo das “colônias alemãs”). Este descompasso entre as lideranças da IECLB e do luteranismo mundial ficou particularmente evidente quando foi planejada a Assembleia da Federação Luterana Mundial em Porto Alegre, em 1970, posteriormente transferida para Evian, na França. Conforme um representante da própria IECLB (TIEL, 1989, p. 237-240), nesta transferência tiveram

[...] papel fundamental reportagens sobre tortura, perseguição a dissidentes políticos e extermínio de tribos indígenas. [...] A relação da IECLB com o governo militar de então se tornara mais e mais um grave problema. Dever-se-ia convidar ou não o Presidente Médici para a Assembleia? Ao fim e ao cabo, a pressão internacional foi tão forte que a realização da Assembleia não pôde ser mantida para o Brasil. A decisão da transferência foi muito dolorosa para a IECLB, desencadeando uma profunda crise interna.

Porém, menos de duas décadas após, numa nova configuração na IECLB e nas relações com a esfera política, a própria Confederação Luterana Mundial passou a ser objeto de contestações, com base num certo “ter-

ceiro mundismo”. Conforme o representante da IECLB por ocasião da realização de outra Assembleia da Federação Luterana Mundial, em Curitiba em 1990, apesar do orçamento desta Federação ser de 90 milhões de dólares e 60 milhões dos quais destinados a programas em 70 países, as relações da mesma com as igrejas-membro são caracterizadas como “assistencialismo financeiro que é cego para as verdadeiras causas da miséria em que vive a grande maioria das populações do Terceiro Mundo” (TIEL, 1989, p. 240). Nessa mesma época, na reunião anual de 1988 da Comissão de Serviço Mundial da Federação Luterana Mundial, o representante da América Latina e das demais igrejas do Terceiro Mundo, além da própria IECLB, destacava, em primeiro lugar, o fato de que “o processo da IECLB no assumir a sua responsabilidade social, política e econômica em solo brasileiro, se deu muito de fora para dentro”, como consequência da proibição da língua alemã no pós-guerra. Isso teria como consequência, em primeiro lugar, a desvinculação da Alemanha em termos de teologia e “modelo de igreja” e, em segundo lugar, a “integração no contexto” e a criação da escola teológica própria.

Estes confrontos, além do envolvimento de uma nova geração de seminaristas e pastores com o movimento estudantil e movimentos sociais em geral, contribuíram para certa inversão nas posições dominantes entre as lideranças desta Igreja. Assim, ao contrário dos agentes da Igreja Católica, onde o polo tido como “progressista” configura segmentos específicos, o conjunto dos pastores passou por uma espécie de *aggiornamento* que os permite se posicionar quase unanimemente numa postura tida como homóloga aos dos “progressistas” católicos.

Neste ponto, no entanto, é necessária uma melhor especificação, no sentido

de que o trabalho de investigação abrange apenas os professores da escola de teologia da IECLB (EST). Ao que tudo indica, há um crescente descompasso e distanciamento ideológico entre os teólogos, o conjunto dos pastores e as lideranças das “comunidades” dos leigos (ver, dentre outros, FUCHS, 1988). Isso ocorre, inclusive, porque se trata de um corpo de professores altamente qualificado, dedicado primordialmente à pesquisa acadêmica (entrevista com W. Altmann em 2002). Além disso, é necessário destacar que, por mais profundas que sejam as mudanças nas tomadas de posição político-ideológicas, mais que reconversão, trata-se de um *aggiornamento* frente à nova configuração, e aos confrontos político-ideológicos em âmbito nacional e internacional. Inclusive, as bases sociais de recrutamento dos pastores e teólogos, bem como dos leigos, continuam sendo muito semelhantes, ou seja, como já mencionado, filhos de pequenos e médios agricultores, pequenos comerciantes e professores do ensino secundário, além de pastores e outras categorias. Se estas bases sociais tornam compatível a adesão a novas posições nestes confrontos, trata-se de possibilidades decorrentes das afinidades e não de alguma determinação. Estas relações entre origens sociais e posições nos confrontos político-ideológicos, portanto, são mediatizadas por outras lógicas sociais, dentre as quais se destacam particularmente as relações com os confrontos no universo escolar e político-ideológico em âmbito nacional e especialmente, internacional. A isso se acresce o fato de que, particularmente no que tange aos professores de teologia e parte dos pastores, há um relativamente forte grau de engajamento em “movimentos sociais”, o que não significa, no entanto, algo de monolítico, inclusive porque o “comunitarismo orgânico” (CO-

RADINI, 2003), geralmente forte neste meio, é completamente compatível com diferentes “leituras” e tomadas de posição no espectro das lutas político-ideológicas.

Para o que está em pauta, o importante a destacar é que esta inserção na “realidade brasileira” e as mudanças de posição no espectro das lutas político-ideológicas por parte das lideranças religiosas mais diretamente vinculadas à esfera escolar ou ao ensino teológico significam, por um lado, novos alinhamentos relativamente à Alemanha ou à esfera internacional em geral e a inclusão em sua agenda de temas vinculados aos “problemas” locais ou nacionais mais amplos que os circunscritos às “colônias alemãs”. Por outro lado, ao contrário do que poderia parecer à primeira vista, esta inserção na “realidade brasileira” e a formação de especialistas “autóctones” estão diretamente associadas, também, aos confrontos doutrinários na Alemanha e nas demais arenas internacionais, nas quais as lideranças desta Igreja, a exemplo dos católicos, têm uma referência direta.

### **5 Os usos das ciências humanas e sociais pela teologia nas novas condições das relações centro/periferia**

Se, por um lado, parece evidente o crescimento de determinados usos das ciências humanas e sociais por parte dos teólogos, ou do conjunto dos especialistas das igrejas em pauta, por outro, a apreensão de seus significados requer que se especifiquem as diferentes modalidades destes usos. Como já mencionado, num nível mais geral, o conjunto da problemática legítima que fundamenta a teologia está baseada numa bipolaridade entre uma dimensão mais “transcendente”, com base na “verdade revelada” e, portanto, na crença, como uma ade-

são primordial, e um segundo polo, mais diretamente dirigido aos problemas “seculares”, de ordem moral ou cultural, via de regra tido como de âmbito da “doutrina social”. Desse modo, é formada uma hierarquia cujo topo é ocupado pelos problemas relativos à crença, seguidos pela utilização da “razão” ou pelo caráter de “ciência” da teologia, até chegar naquilo que em geral é definido como “contextualização” histórica, cultural ou social. É nessa “contextualização” que se inscrevem os usos das ciências humanas e sociais. Como também já foi mencionado, no caso da Igreja Católica há uma tendência de reforço deste segundo polo, particularmente a partir do Concílio Vaticano II e algo semelhante ocorreu com a IECLB, em condições distintas.

Porém, embora as razões e os processos possam ser bastante diferentes entre estas duas igrejas, inclusive devido às suas estruturas institucionais, há dois efeitos gerais do reforço deste segundo polo, mais associado à “contextualização”, que devem ser destacados. O primeiro destes efeitos é a possibilidade de ampliação da problemática legítima e, conseqüentemente, da inclusão não apenas de novas questões na pauta de temas tidos como pertinentes à teologia, mas também, de relações com determinadas esferas sociais, seja a esfera política, os confrontos culturais ou político-ideológicos em âmbito internacional e nacional, e assim por diante. Isso tem o efeito, inclusive, de tornar o campo religioso mais diversificado e, em muitos casos, contraditório.

O segundo efeito geral desse processo que deve ser tomado em conta para uma melhor apreensão dos usos das ciências humanas e sociais é que este reforço do polo mais diretamente associado à “contextualização” da teologia equivale a um maior peso das relações centro/periferia, não ape-

nas como condicionante socialmente objetivado da hierarquização destas igrejas e seus agentes, mas como base de releitura e até de contestação das hierarquias vigentes. Como o que está em pauta são relações centro/periferia e não apenas hierarquizações entre países, isso pode aparecer através de diferentes classificações e modalidades, mas a principal, ou pelo menos a mais geral, é uma espécie de “terceiro mundismo”, em oposição aos centros internacionais, seja no sentido de países ou culturas dominantes, ou das sedes das igrejas e respectivas hierarquias. Num nível mais geral, esse “terceiro mundismo” tem como eixo principal a oposição entre países centrais, o “eurocentrismo”, o “primeiro mundo” ou “europeus” e os do “sul”, “terceiro mundo”, ou algo do gênero. Mas, num nível mais concreto, entram em pauta outros eixos de oposição e categorias, tais como o confronto à “racionalidade eurocêntrica”, ao “universalismo” pretendido pelos países centrais ou sua teologia. Ou, então, a defesa da diversidade “cultural” em oposição ao “eurocentrismo”, a “prática” em oposição ao “academicismo” da teologia dos países centrais, e assim por diante. Estes eixos de oposição são operados, inclusive, em âmbito latino-americano ou nacional.

Algumas destas heterodoxias mantêm alguma relação de origem com outras oriundas da Europa, como destaca, no que tange aos luteranos, um professor de teologia e, em 2004, presidente da IECLB (ALTMANN, 1979, p. 28): teria havido várias teologias heterodoxas, como a “da esperança”, do “senhorio real”, da “revolução”, mas a “teologia da libertação” não seria uma “variante exótica” das mesmas. Uma das principais diferenças estaria no problema da “dependência”, visto que enquanto “no espaço norte-atlântico” a noção utili-

zada seria a da “interdependência”, da ótica “de quem sofre” se trataria de “dependência”. Ainda conforme esta versão luterana, nas origens de heterodoxias como a “teologia da libertação”, além do Vaticano II, deveria ser considerada as posições do Conselho Mundial de Igrejas, além da “inclusão no labor teológico de importantes resultados da pesquisa das ciências sociais”, particularmente a “teoria da dependência”, posteriormente superada pelos desdobramentos (ALTMANN; BOBSIN; ZWETSCH, 1997, p. 130). Quanto ao catolicismo, ainda nesta ótica luterana, com o fim da guerra fria, teria havido um retrocesso imposto por “uma aliança entre Washington e o Vaticano”. Em todo caso, estas heterodoxias como a “teologia da libertação” são vistas como “um fenômeno emancipatório: o ‘sul’ afirma sua autonomia contra o ‘norte’ universalizante, contra os ‘centros’ situados em Roma, Wittenberg ou Genebra” (BRANDT, 1999, p. 169).

Esse tipo de posição “terceiro mundista” tendeu a se sistematizar e se aglutinar em organizações como a Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo (ASET). Por exemplo, em sua VI Conferência em 1983 em Genebra, além da ênfase na constatação da divisão das procedências entre “ricos” e “pobres”, da diversidade cultural, étnica e religiosa, toda a ênfase é calcada na contraposição ao “imperialismo cultural” ou ao “eurocentrismo”, representado pela própria teologia dos países centrais (CEDOC, 1984, p. 958-972).

Quanto à Igreja Católica, o trabalho de Della Cava (1988, p. 242-261) sobre suas relações com o regime militar e as tomadas de posição mais “progressistas” até a década de setenta já havia constatado a importância daquilo que define como “quadros internacionais”, ligados à “crítica liberal ca-

tólica europeia da autoridade e da tradição dentro da Igreja e à crítica 'terceiro-mundista' latino-americana". Na origem destes "quadros", estariam "movimentos, correntes, forças e escolas" ligados à Universidade Católica de Louvain e os "padres sociólogos" formados na mesma<sup>17</sup>. As origens deste "terceiro mundismo", no entanto, incluem parte do clero europeu e, além dos teólogos heterodoxos já mencionados, alguns estudos vinculam o "terceiro mundismo" católico na Europa especificamente com o "utopismo missionário" e a experiência dos "padres operários" (PELLETIER, 2000, p. 40). Porém, apesar das diferenças históricas, para os católicos também, as origens desse tipo de heterodoxia são interpretadas de maneira semelhante aos luteranos. No caso do catolicismo, por ser mais heterogêneo e as clivagens ou confrontos internos tornarem-se mais explícitos, é importante notar que esta associação de posições heterodoxas com algum tipo de "terceiro mundismo" é admitida por ambos os lados. Assim, para um professor de teologia representante do polo "conservador", trata-se de "teólogos-profetas" que "pretendem tomar a situação histórica do momento" como base da "reflexão teológica", partindo "da sociedade para a teologia", e como "instrumento para análise apelam para as ciências político-sociais", onde se destaca a palavra "libertação", que teria dado "origem a todo um lin-

guajar teológico latino-americano". Por outro lado, esses "teólogos ou são europeus ou se formaram na Europa", sendo que somente "aos poucos aparecem aspectos tipicamente latino-americanos" (ZILLES, 1973, p. 43). Conforme outro professor de teologia, referindo-se especificamente ao "caso Boff", num encontro da Federação Luterana Mundial em 1993, trata-se de um

[...] franciscano brasileiro, descendente de imigrantes italianos, que, após vários anos de estudos na Alemanha, voltou ao Brasil em 1969, com um diploma de Doutor em Teologia. A sua tese doutoral foi típica dos anos imediatamente seguintes ao Concílio Vaticano II [...] embora tendo sido escrita em língua estrangeira e num outro país, a tese de Boff, quase desconhecida no Brasil, plantou sementes de sua Teologia posterior [...] (HORTAL, 1993, p. 485).

Apesar de que, quando de sua publicação, "muitos chamaram a atenção para a fraqueza do caráter 'latino-americano' do livro, com citações bibliográficas quase exclusivamente alemãs" (HORTAL, 1993, p. 485). Posteriormente, numa evolução crescente para o "terceiro mundismo" e o "ecologismo", em 2003 (portanto, após seus conflitos com o Vaticano) Boff<sup>18</sup> passou a ter nas relações entre o "norte" e o "sul" um dos eixos principais de suas publicações.

17. Sobre a estrutura institucional e influências culturais e religiosas da Universidade Católica de Louvain (ver Koning, 1973).

18. Cabe notar que as origens e trajeto social deste professor de teologia, que conjuntamente com seu irmão Clodovil, é tido como um dos principais formuladores da "teologia da libertação", são muito representativas da maior parte destes teólogos. É natural do interior de Concórdia, em Santa Catarina, filho de um professor primário e "animador de comunidade", descendente de imigrantes italianos que se estabeleceram inicialmente no interior do Rio Grande do Sul, com dez irmãos, "todos com cursos universitários". Após passar por vários seminários, graduou-se em teologia em Petrópolis, com o mestrado e doutorado em Munique. Ele mesmo atribui sua "formação cosmopolita" à "ebulição latino-americana, na década de setenta, depois de assumir a cátedra de teologia em Petrópolis", além do domínio de outros idiomas. Ou seja, o "italiano aprendi em

Embora com os sinais invertidos, este é o eixo geral dos representantes do polo “progressista” e como um caso exemplar, pode ser tomada uma publicação recente com caráter de “avaliação” da “teologia da libertação” para uma publicação internacional (a Revista Internacional de Teologia, posteriormente publicada também no Brasil sob direção de Beozzo e Susin, 2002). Por exemplo, um dos textos, de T. Balduino (então presidente da CPT – Comissão Pastoral da Terra) destaca que “as organizações solidárias da Europa não conseguiram [...] ultrapassar o movimento de mão única em direção ao Terceiro Mundo”, sendo necessária uma “missão de retorno ao Velho Continente”, onde se situam as principais causas dos problemas (BALDUÍNO, 2003, p. 61). Na mesma publicação, um dos formuladores da “teologia da libertação”, L. Boff, para o qual “o cristianismo atual é uma religião do Terceiro Mundo que outrora teve origens no Primeiro Mundo”, apesar do mérito do Concílio Vaticano II de “abrir a Igreja ao mundo moderno”, o fato mais importante na América Latina teria sido a “aliança histórica com as grandes majorias oprimidas e marginalizadas”. Também para este, a “teoria da dependência” acabou sendo insuficiente para dar conta de “um fenômeno de múltiplas facetas” e o “conceito de pobre” deveria incluir os “descriminados ou excluídos por questões de raça, língua, cultura, cor, gênero, idade, etc.”. Isso se aplica também ao conjunto da teologia e sua vinculação com o “eurocentrismo, fruto de um cristianismo monocultural” (BOFF, 2003, p 80-91). Ou seja, como mencionado, este “terceiro mundismo” ten-

de a abranger muitos outros aspectos que a mera oposição entre unidades nacionais. Isso porque o próprio “terceiro mundismo” é decorrente e está inserido em outra lógica, que perpassa todas as heterodoxias, ou seja, as novas condições das relações centro/periferia. Portanto, por um lado, as possibilidades de emergência de posições heterodoxas, tais como o “terceiro mundismo”, estão associadas às relações centro/periferia. Por outro lado, essas posições heterodoxas estão na base das possibilidades de ampliação dos espaços de confronto e das problemáticas legítimas. É nesta ampliação do espaço dos possíveis e, mais especificamente, na fundamentação de problemáticas legítimas, que ocorre a intensificação dos usos das ciências humanas e sociais, em modalidades de apropriação diversificadas.

Como se trata sempre de “hibridação” e, mais especificamente, de “sobreposição” da teologia a princípios e produtos das ciências humanas e sociais, as linguagens em que estas oposições centro/periferia são apreendidas e apresentadas, evidentemente, são as mais diversas e envolvem de maneira um tanto diferente cada disciplina. De um modo um tanto esquemático e genérico, na mencionada polaridade entre o mais “transcendente” e o voltado para o “secular”, há mais tempo a teologia católica vinha pondo em prática uma posição de confronto com as filosofias “ateias”, associadas ao “mundo moderno”, num esforço em compatibilizar “fé” e “racionalidade científica”. De qualquer modo, por mais que isso implique na utilização das ciências humanas e sociais nas novas configurações em que ocorrem os con-

casa”, o francês, no ginásio”, o “alemão porque estudei muitos anos na Alemanha” e as outras línguas “fazem parte da formação séria do teólogo”, como “o latim, o grego, o inglês”. Porém, além dos cursos formais de mestrado e doutorado, realizou uma série de estágios e de estadas como professor visitante na Universidade Católica de Lisboa, na Universidade de Salamanca, em Lund (Suécia), Oslo (Noruega), dentre outras. (ver, dentre outros, a entrevista o “perfil” publicados em *A Notícia*, 1996).

frontos e redefinições da teologia, este confronto ainda é algo circunscrito aos países centrais. Posteriormente, no entanto, com a expansão da heterodoxia nos países periféricos, passou a haver um processo de intercâmbio com as heterodoxias nos países centrais, não sem contradições e controvérsias.

Apesar de se tratar de um processo relativamente generalizado, a intensificação dos usos das ciências humanas e sociais pela teologia, os processos identitários em pauta e os confrontos entre posições e perspectivas específicas comportam diferentes espaços institucionais que devem ser mencionados. Em geral, como marcos institucionais fundadores da teologia na América Latina são tomadas as grandes conferências episcopais continentais (Medelín, Puebla, Santo Domingo), em cuja apresentação sempre é destacado o processo de afirmação de uma espécie de “identidade latino-americana”. Independentemente do grau em que estas assembleias representam mudanças de direção, no que tange aos usos das ciências humanas e sociais, como se tratam de relações de força sob o controle direto da hierarquia eclesial, as mudanças e, inclusive, ambivalências quanto a isso se referem a pontos específicos, como, por exemplo, a formação dos teólogos, as pastorais, ou algo do gênero. Isso é diferente ao tomar exclusivamente professores de teologia, mais diretamente inseridos no universo escolar. Dito de outro modo, o processo identitário e o eventual reforço de um determinado “terceiro mundismo” e, por outro lado, os usos das ciências humanas e sociais não são necessariamente redutíveis. Alguns protagonistas, ao historiar posições como a “teologia da libertação” destacam o caráter fundador deste tipo de reunião e, por exemplo, a de Medelín, em 1968, que “foi planejada para a adequação aos preceitos do Concílio Vaticano II”, aca-

bou sendo “um verdadeiro ‘concílio ou sínodo regional” (SOUZA, 2003, p. 36).

Nestas grandes conferências episcopais, os incentivos para a utilização das ciências humanas e sociais são muito restritos, ambivalentes e até negativos e as próprias noções de ciências humanas e sociais que transparecem tendem a reduzi-las a ideologias em confronto. No que tange especificamente a Santo Domingo, em geral seus resultados são vistos como “retrocesso” pelo polo “progressista”. Como destaca, retrospectivamente, um bispo do polo “conservador” (Dadeus Grings), o “ver’ cristão não pode ser o do sociólogo ou do psicólogo, que prescindem da fé. Nem professamos a ideologia positivista. Por isso, já Puebla, bem como o documento de trabalho de Santo Domingo, não referiram apenas um simples ver a realidade, mas calcavam no adjetivo ‘pastoral’. Assim, a “opção metodológica de Santo Domingo é, pois, profundamente teológica. Não despreza as ciências, principalmente as humanas, mas põe-nas no segundo plano”, servindo apenas para “revelar os desafios”, não se podendo “definir o homem apenas pela constatação sociológica ou psicológica dos seres humanos” (GRINGS, 1993, p. 15; ver ainda Bispos da América Latina – Conclusões de Medelín; Episcopado Latino-Americano, 1992; IV Conferência do Episcopado Latino-Americano).

Mas, se no âmbito das conferências continentais, este processo de intensificação dos usos das ciências humanas e sociais é muito ambivalente, ao se tomar a CNBB, pelo menos nas últimas décadas, há uma maior generalização destes usos ou, pelo menos, incentivos, mesmo em termos oficiais. Isso, no entanto, depende das diferentes modalidades, e nesse sentido, deve-se considerar que as maiores resistências e polêmicas ocorrem quanto ao uso de ciências humanas e so-

ciais na redefinição da própria teologia, o mesmo não ocorrendo em outras modalidades, particularmente no que tange à formação de especialistas da Igreja. Assim, no documento sobre as diretrizes na formação de presbíteros, aprovado pela CNBB em 1994, considerando os documentos papais afins, é destacado que em conjunto “com o estudo das ciências sociais e da filosofia, deve-se proporcionar [...] o estudo da doutrina social da Igreja, que analise criticamente as questões analisadas pelas ciências sociais”. Ao mesmo tempo, além do estudo da filosofia “para uma compreensão mais profunda da pessoa e da sociedade”, é destacado que a formação “exige o estudo das ciências humanas, que também são de grande utilidade para o exercício”. De qualquer modo, “com o estudo das ciências sociais e da filosofia, deve-se proporcionar [...] o estudo da doutrina social da Igreja” (CNBB, 1994, p. 147-157). Ou seja, as ciências humanas e sociais são vistas como complementares ou como possibilidade de elaboração de afinidades com a “doutrina social” da Igreja.

Neste caso, deve-se considerar que se trata das relações dos representantes das estruturas institucionais da Igreja a uma série de temas, onde se inserem os interesses e as ambivalências quanto aos usos das ciências humanas e sociais e seus limites. Mas as modalidades de apropriação e usos das ciências humanas e sociais estão inscritas, principalmente, enquanto instrumentação das relações dos especialistas da Igreja com os leigos (as “pastorais”) e, por outro lado, na ampliação da formação destes mesmos especialistas. As condições são diferentes ao se tratar especificamente das relações dos teólogos, em diferentes níveis hierárquicos e posições no campo religioso, em suas relações com as ciências em geral e com as humanas e sociais em particular.

Neste âmbito mais diretamente vinculado aos teólogos, a Igreja Católica sempre teve problemas explícitos nas relações com as ciências, ou, de modo mais geral, com o chamado “mundo moderno”. Mas, nas últimas décadas, os investimentos na capacitação de seus especialistas nos confrontos ideológicos com as “ciências” ou com o “mundo moderno”, além das re-elaborações dos textos relativos à sua “doutrina social”, incluem uma crescente atenção às próprias ciências humanas e sociais. Portanto, esta outra fonte de preocupações e de investimentos por parte das hierarquias católicas, ou seja, nas ciências humanas e sociais, pode ser vista como uma espécie de desdobramento de suas relações com as ciências em geral. Porém, as ciências humanas e sociais estão mais diretamente associadas à fundamentação e legitimação de sua “doutrina social”. O crescimento deste tipo de investimento nas últimas décadas foi de tal ordem que foi criada, inclusive, uma Academia específica para tanto.

No caso brasileiro, um dos principais incentivos à utilização das ciências sociais foram eventos organizados pela CNBB, como as Semanas Sociais Brasileiras em âmbito nacional ou regional, resultado numa espécie de “laboratórios do pensamento econômico, social, político e cultural na área das ciências sociais e da doutrina social”, envolvendo “mais especialistas leigos”. Mas, em âmbito internacional, como “coroação dessa caminhada da Igreja em vários países, da organização de Semanas Sociais”, o Papa criou em 1994 a “Pontifícia Academia das Ciências Sociais, composta preponderantemente de leigos dos cinco continentes, escolhidos por seu alto nível de competência nas diversas disciplinas sociais. A Academia foi instituída com o objetivo de promover o estudo e o progresso das ciências sociais,

econômicas, políticas e jurídicas', à luz da doutrina social da Igreja". A criação desta Academia tem também como objetivo reforçar a "obrigatoriedade do ensino da Doutrina Social da Igreja no currículo dos Institutos e Faculdades eclesiásticas" e formar uma "visão unitária entre Fé e Vida" (EBEJER, 1994, p. 393).

Mas mesmo as relações entre "fé" e "ciência" num nível mais geral não têm nada de estabelecido definitivamente e nem de unanimidade entre os professores de teologia. Assim, por exemplo, numa visão mais otimista, para um professor de teologia e vice-reitor da PUCRS, identificado com o polo "conservador", não haveria qualquer problema relativo à compatibilidade entre estas formas de raciocínio, ou seja, "ninguém crê ou deixa de crer em Deus por causa da ciência", do mesmo modo que "ninguém deixa de ser cientista por causa da fé". Isso porque o "sujeito do conhecimento científico é o homem em sua racionalidade" e, portanto, parcial, enquanto "o sujeito da fé é o homem em sua globalidade" (ZILLES, 2000, p. 571-603). Isso não impede que este mesmo professor de teologia, em 1978, destacasse que os "problemas sociais, econômicos e políticos da humanidade" exercem "influência tão predominante que muitos sacerdotes os cultivam mais que a própria Teologia" (ZILLES, 1978, p. 11).

Por sua vez, outro professor de teologia da mesma instituição, identificado com o polo "progressista", mantém uma postura menos otimista e destaca a utilidade da utilização das ciências humanas e sociais no confronto com outras visões de mundo. Para o mesmo, devido à defasagem na formação em ciências humanas e sociais, "ocorrem muitas crises" de especialistas da Igreja em seu "confronto com a realidade" e, conseqüentemente, "sua autoridade reli-

giosa começa a ser corroída pela falta de competência", resultando no "recoo diante dos ambientes mais exigentes em termos intelectuais" (SUSIN, 1987, p. 48-51). Devido a esta defasagem, a teologia teria necessidade do auxílio das "ciências auxiliares ou afins", onde se destacariam as "ciências humanas: ciências sociais e psicológicas, economia e política, antropologia cultural". Porém, para tanto seria necessária a distinção entre "aderir a um sistema" e "valorizar algo verdadeiro aclarado neste sistema", em síntese, entre determinada disciplina e seus produtos. Isso "ajudaria a entender por que todo universitário, que entra em contato com as ciências, tende a se fascinar com a verdade científica e colocar sob o crivo da ciência o que provém da fé e da religião". Em termos práticos, como em geral ocorre, isso resulta na proposição de "interdisciplinaridade", ou mais especificamente neste caso, "transdisciplinaridade".

Mas, os confrontos entre a "fé" e a "ciência" ou o "mundo moderno" em geral (o "individualismo", o "ateísmo" em oposição ao "humanismo", etc.) ou então, entre a "doutrina social" da Igreja tendem a incluir o conjunto dos especialistas de uma determinada Igreja às demais igrejas ou ideologias. Portanto, embora os usos das ciências em geral ou das ciências humanas e sociais, sejam diferenciados conforme as respectivas posições internas, estas diferenças são menos explícitas, visto que mais gerais. Mais que para fundamentar posições teológicas, neste caso trata-se da utilização das ciências humanas e sociais para a formação dos especialistas das igrejas e, por extensão, para a legitimação de suas "doutrinas", em confronto com outras religiões e ideologias, embora o polo heterodoxo, visto que mais propenso a se relacionar mais intensamente com diferentes esferas sociais, tenda

a uma maior variedade de modalidades e intensidade nestes usos. Algo diferente ocorre quando os usos das ciências humanas e sociais abrangem diretamente a própria fundamentação de critérios de definição ou posições teológicas para a formação de normatividades e fundamentação de sentidos. Isso não decorre apenas do fato de que, via de regra, os autores e respectivos trabalhos são tomados com base no critério de autoridade e do grau de afinidade com a problemática legítima. As ciências humanas e sociais são apropriadas, interpretadas e expostas como uma espécie de “profecia social”.

Como já mencionado, as heterodoxias em geral e, particularmente a “teologia da libertação” têm como base as novas condições das relações centro/periferia e a ampliação do polo “contextual” da teologia, com a inclusão de novas problemáticas legítimas. É principalmente neste “contextual” que está incluída a intensificação das ciências humanas e sociais, que, em seu polo mais heterodoxo, pode abranger a própria definição dos objetos próprios da teologia. É nesse ponto que as posições contrárias ficam mais explícitas, frequentemente, envolvendo um jogo de desclassificações, embora ambos os polos operem com outra bipolaridade, ou seja, aquela do “transcendente” ou “teológico” em oposição ao “contextual” ou “histórico”. Assim, embora “nascida da fé”, a teologia teria “um olho voltado para o presente” e para atingir a realidade sócio-histórica há obstáculos (BOFF, 1980, p. 47). Porém, se trata da utilização das ciências humanas e sociais de uma perspectiva da “periferia”, o que pode implicar na oposição a determinadas definições de “racionalidade”: “O interlocutor dessa teologia não é o homem crítico, moderno, intelectual, mas o pobre, o não homem...do Terceiro Mundo” (CAVACA, 1996, p. 89-111). Nesta

mesma linha, outro professor de teologia do polo “progressista” destaca que, no que tange à “teologia latino-americana”, as questões tratadas não seriam “perguntas acadêmicas, nem levantadas pelo intelectual médio”, mas algo que é definido como perguntas “sérias que merecem respostas”.

Como seria de esperar, devido a esta importância dos usos das ciências humanas e sociais, além da perspectiva “periférica” ou “terceiro-mundista” para o polo heterodoxo ou “progressista”, isso se constitui num dos principais eixos de oposição e desclassificação do polo contrário. Nas palavras de um dos principais representantes do polo “conservador”, a teologia não seria “uma ciência abstrata e fechada sobre si mesma”, mas “conhecer os dados, mesmo com os mais atualizados critérios de pesquisa, ainda não é fazer teologia”, visto que seria necessário “entendê-los à luz da fé”.

Em todo caso, independentemente das contestações formuladas pelo polo contrário, as posições heterodoxas podem ser utilizadas para diferentes desdobramentos e modalidades de “sobreposição” com as ciências sociais. Uma das modalidades mais generalizadas desses usos das ciências sociais é aquela vinculada à reinterpretação do passado, seja a história da própria Igreja em suas relações com os “povos do terceiro mundo” ou algo do gênero, seja outro aspecto qualquer, mas sempre com base num esquema próprio baseado no mencionado “terceiro mundismo”. Assim, por exemplo, conforme os dois apresentadores de uma série de textos de teólogos latino-americanos para um número especial da Revista Internacional de Teologia: na América Latina, “nos interstícios do catolicismo oficial, formou-se um catolicismo popular capaz de sustentar a resistência e a dignidade, a autoestima e o sentido da vida, do sofrimento

e da morte, através de uma reinterpretação sincrética”, que são “as tradições indígenas e africanas”. Neste sentido, a “teologia da libertação” ganhou a “complexidade dos aprofundamentos e da exigência de rostos, vozes e sujeitos novos: feminista, negros, desafios da economia, da ecologia, da exigência ética” (BEOZZ; SUSIN, 2003, p. 32).

Em outros casos, o que é levado às últimas consequências é o caráter especificamente “terceiro mundista” destas heterodoxias, e desta reinterpretação do passado. Um dos melhores exemplos disso é o teólogo baseado no México, E. Dussel, que propõe uma reinterpretação radical da “história” e, mais especificamente, das relações centro/periferia. Para o mesmo, haveria dois conceitos de “modernidade”, sendo que o primeiro seria “eurocêntrico, provinciano, regional”, que se aproxima das definições que vêm desde Max Weber e “suas análises sobre a ‘racionalização’ e o ‘desencanto’, até Habermas”. Em contraponto, propõe “uma segunda visão da ‘Modernidade’, em sentido mais mundial, e consistiria em definir como determinação fundamental do *mondo* moderno o fato de ser [...] ‘central’ na História Mundial”. Sendo assim, a “centralidade” da Europa Latina na História Mundial é a *determinação da Modernidade*” (DUSSEL, 2003, p. 69-74, grifo do autor).

Quanto à IECLB, apesar das diferenças quanto à estrutura institucional, todas essas tendências relativamente à heterodoxia e ao “terceiro mundismo” também se aplicam à mesma. Isso pode ser favorecido, inclusive, por não estar diretamente subordinada a um centro internacional, como o Vaticano, e, além disso, como já mencionado, o conjunto de seus professores inscrevem-se numa nova configuração, resultante de um forte *aggiornamento*. Porém, além dos usos mais diretos das ciências humanas

e sociais nas próprias redefinições da teologia, no caso da IECLB há um uso mais direto também no desdobramento de teologias específicas, associadas a categorias sociais presumidamente dominadas e à reinterpretação das escrituras sagradas com base nestes novos esquemas. Este é o caso, por exemplo, da “teologia feminista”, da “teologia negra”, e assim por diante. No que tange aos usos das ciências humanas e sociais na formação do pessoal da Igreja e na fundamentação de problemáticas legítimas, isso é paralelo e tende a haver uma aproximação com outros tipos de formação escolar, além da formação de pastores. Esse é o caso do conjunto de alunos que buscam formação escolar em suas instituições de ensino para seguir outras carreiras, como a de professor. Recentemente foi criado, inclusive, um mestrado em educação, que funciona basicamente com os mesmos professores do mestrado e doutorado em teologia. Essa intensificação e extensão do ensino das ciências humanas e sociais, que começou com a filosofia e passou a incorporar, principalmente, a psicologia, a sociologia e a antropologia, conforme um professor de teologia, ex-reitor e presidente da igreja, teria o efeito, inclusive, do risco da superficialidade e do diletantismo. Mas, além desse primeiro problema decorrente do excesso de disciplinas e seus efeitos no aprofundamento do ensino, ocorre uma oposição pelo fato de que “a dimensão teológica está subdesenvolvida”, como uma sobrevalorização das ciências humanas e sociais (entrevista com W. Altmann em 2004).

Isso tem o efeito de diminuir as diferenças entre o universo religioso e o escolar ou as ciências humanas e sociais na “periferia”, e por outro lado, aumenta e demarca ainda mais as diferenças desses usos relativamente às definições mais “centrais” das

ciências sociais. Como já mencionado, diferentemente dos centros internacionais, onde os usos das ciências sociais tenderiam a formar uma espécie de “hibridação”, nas situações “periféricas”, pelo menos no caso em pauta, é formada uma “sobreposição”, na qual a teologia ocupa a posição central e hierarquicamente superior. Nestas modalidades de usos das ciências humanas e sociais, como há uma premissa ontológica subjacente e como se trata sempre de usos instrumentais e não de elaboração de ciências humanas e sociais, mais que contradições entre lógicas, haveria complementaridade, o que não elimina as tensões permanentes. Porém, não se trata apenas de os agentes de igrejas utilizando ciências sociais, visto que, com esta ampliação do espaço da “contextualização” da teologia e dos usos das ciências humanas e sociais, há uma tendência de os próprios cientistas sociais valerem-se deste espaço criado pelas igrejas, simultaneamente, como campo de investimentos “profissionais” ou como “intelectuais” a serviço de alguma “causa”, ontologicamente fundamentada em alguma teodicéia. O resultado mais expressivo e extremo deste processo foi a criação de uma série de cursos de “ciências da religião”, em diferentes níveis, particularmente de pós-graduação, cujo detalhamento está fora dos limites do presente texto.

## REFERÊNCIAS

- A NOTÍCIA, Joinville, 1986. Disponível em: <<http://an.uol.com.br/>>. Acesso em 20 ago. 2004.
- ALTMANN, W. Teologia da libertação. *Estudos Teológicos*, v. 19, n. 1, 1979.
- ALTMANN, W.; BOBSIN, O.; ZWETSCH, R. E. Perspectivas da teologia da libertação. Impasses e novos rumos num contexto de globalização. *Estudos Teológicos*, v. 37, n. 2, 1997.
- AMADO, W. Qual o futuro da Teologia da Libertação? *Teocomunicação*, v. 21, n. 94, dez. 1991.
- ANJOS, M. F. dos. Dívida externa na América Latina: crítica religiosa. *Revista de Cultura Teológica*, v. 2, n. 12, jul./set., 1995.
- BADIE, B. *Le Développement politique*. Paris: Economica, 1994.
- BADIE, B. Nouvelles approches des relations internationales et du fait religieux. In: BASTIAN, J. P.; CHAMPION, F.; ROUSSELET, K. (Dir.). *La Globalisation du Religieux*. Paris: L'Harmattan, 2001.
- BALDUÍNO, D. T. A luta pela justiça na terra. In: BOFF, L. (Org.). *Brasil: povo e igreja(s)*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BASTIAN, J. P.; CHAMPION, F.; ROUSSELET, K. (Dir.). *La Globalisation du Religieux*. Paris: L'Harmattan, 2001.
- BEOZZO, J. O. e SUSIN, L. C. O “caldo” brasileiro, sínteses e criatividade: de povos, de religiões e de Igrejas. *Brasil: Povo e Igreja(s)*. Petrópolis, Vozes, 2003.
- BISPOS DA AMÉRICA LATINA. Conclusões de Medellín: 2.ed. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2004).
- BIZEUL, Y. Les stratégies ecumeniques dans un contexte de globalisation. BASTIAN, J. P.; CHAMPION, F.; ROUSSELET, K. (Dir.). *La Globalisation du Religieux*. Paris: L'Harmattan, 2001.

- BOFF, L. (Org.). *Brasil: povo e igreja(s)*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOFF, L. O que é isso, a teologia? *Convergência*, v. 13, n. 32, maio 1980.
- BONI, L. A. de. A Igreja Católica do Brasil: 25 anos depois. *Teocomunicação*, v. 29, n. 126, dez. 1999.
- BONI, L. A. de. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: BARROS, E. C. et al. (Orgs.). *RS: Imigração & Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- BONVIN, F. L'École catholique est-elle encore religieuse? *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, (44/45), nov.1982.
- BOURDIEU, P. *Homo Academicus*. Paris, Ed. Minuit, 1984.
- BOURDIEU, P. *La Noblesse d'État; Grandes Écoles et Esprit de Corps*. Paris, Munit, 1989.
- BOURDIEU, P. *Le Sens Pratique*. Paris, Munit, 1980.
- BRAKEMEIER, G. Um novo modo de ser IECLB? Ensaio de eclesiologia contemporânea. *Estudos Teológicos*, 34 (1), 1994.
- BRANDT, H. Teologia contextual como sincretismo? O "novo sincretismo" da teologia da libertação e a suspeita do sincretismo em relação à ecumene. *Estudos Teológicos*, 27 (2), 1987.
- BRASIL. Ministério da Educação. Cursos Superiores de Teologia. Parecer, n. 241 de 15 março de 1999. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 20 ago. 2004.
- BRIGHENTI, A. A mundialização de desafios até então continentais – Interpelações para a inteligência da fé cristã desde o Brasil. *Brasil: Povo e Igreja(s)*. Petrópolis, Vozes, 2003.
- CASANOVA, A. *Vatican II et l'Évolution de l'Église*. Paris: Editions Sociales, 1969.
- CAVACA, O. Teologia: Ciência de Deus e do Homem; Substrato antropológico do pensamento teológico da libertação, a partir de Leonardo Boff. *Revista de Cultura Teológica*, v. 4, n. 16, jul./set. 1996.
- COHEN, S. ONG. Altermondialistes et société civile internationale. *Revue Française de Science Politique*, v. 54, n. 3, juin 2004.
- COLONOMOS, A. *Églises en Réseaux: trajets politiques entre Europe et Amérique*. Paris: Presses de Sciences Po., 2000.
- CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 3., 1979. Puebla. *Anais... Puebla*: [s.n.], 1979. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 20 ago. 2004.
- CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 4., 1992. Santo Domingo. *Anais... Santo Domingo*: [s.n.], 1992. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 20 ago. 2004.
- CORADINI, O. L. A Formação e a inserção profissional dos professores de ciências humanas e sociais no Rio Grande do Sul. (No prelo).
- CORADINI, O. L. As missões da "cultura" e da "política": confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 32, 2003.
- CORADINI, O. L. L'enseignement universitaire de théologie, les Rapports Centre/Périphérie et les usages des sciences humaines et sociales. *Cahiers de la Recherche sur l'Éducation et les Savoirs*, n. 2, juin 2009.
- CORADINI, O. L. Os significados da noção de "italianos". MAESTRI, M. (Org.). *Nós, os Ítalo-Gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995.
- CRUZ, E. R. da. Ciências da religião: aspectos do debate contemporâneo. Disponível em: <<http://www.redemptor.com.br>>. Acesso em: 22 ago. 2004.
- DELLA CAVA, R. A Igreja e a abertura, 1974-1985. In: STEPAN, A. (Org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

- DELLA CAVA, R. Política a curto prazo e religião a longo prazo; Uma visão da Igreja Católica no Brasil (em abril de 1978). *Encontros com a Civilização Brasileira*, n. 1, abril, 1978.
- DIRETRIZES Básicas da Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1994, [s.l.]. *Anais...* [s.l.]: [s.n.], 1994. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2004.
- DREHER, M. A Igreja no Brasil diante do problema social do pequeno agricultor e do operário. Uma perspectiva histórica. *Estudos Teológicos*, v. 21, n. 2, 1981.
- DREHER, M. N. *Igreja e germanidade*. [s.l.]: Ed.Sinodal./EST/EDUCS, 1983.
- DUSSEL, E. Europa, modernidad y eurocentrismo. *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 1, 2003.
- EBEJER, W. M. Perspectivas teológico-pastorais a partir da missão do cristão leigo. *Teocomunicação*, v. 24, n. 105, set. 1994.
- FAGEUR, J. P. Les effets de la “education totale”: um collège jesuite, 1960. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, n. 86/87, mars, 1991.
- FÉRON, E. Discours avants et conflits communitaires: l'exemple de l'Irlande du Nord. In: HAMMAN, P.; MÉON, J. M.; VERRIER, B. (Org.). *Discours savants, discours militants: mélange des genres*. Paris: Harmattan, 2002.
- FISCHER, J. H. Identidade confessional. *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 1, 1989.
- FISCHER, J. H. Identidade e esperança. *Estudos Teológicos*, v. 17, n. 3, 1977.
- FUCHS, W. A IECLB e a Pastoral da Terra. *Revista do CEM – Centro de Elaboração de Materialidade da IECLB*, v 1, 1982.
- FUCHS, W. IECLB: Decadência por cima – renovação por baixo. *Estudos Teológicos*, v. 28, n. 3, 1988.
- GAÏTI, B. La science dans la mêlée: usages croisés des discours savants et militants. In: HAMMAN, P.; MÉON, J. M.; VERRIER, B. (Org.). *Discours savants, discours militants: mélange des genres*. Paris: Harmattan, 2002.
- GERSTENBERGER, E. S. Teologias da libertação em transformação. O testemunho do antigo testamento e o caminho dos cristãos latino-americanos depois da “virada”. *Estudos Teológicos*, v. 35, n. 1, 1995.
- GOERTH. Doutrina social da Igreja e sociologia. *Teocomunicação*, v. 7, n. 38, 1977.
- GRINGS, D. A Conferência de Santo Domingo. *Teocomunicação*, v. 23, n. 99, mar.1989.
- GRINGS, D. A Teologia da Libertação em debate. *Teocomunicação*, v. 14, n. 965, 1994.
- GRINGS, D. Opção ideológica e visita do Papa à América Central. *Teocomunicação*, v. 13, n. 61, 1983.
- GRINGS, D. Os seminários na formação sacerdotal. *Teocomunicação*, v. 8, n.39, 1978.
- GUARESCHI, P. O contexto político, econômico e social da Teologia da Libertação. *Teocomunicação*, v. 10, n. 48, 1980.
- HIGUET, E. A. Teologia e ciências da religião. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999. *Anais...* [s.l.]: PUCRS, 1999. Disponível em: <<http://www.redemptor.com.br>>. Acesso em: 20 ago. 2004.
- HORTAL, J. Tentando compreender o “caso Boff”. *Teocomunicação*, v. 23, n. 102, dez. 1993.
- JOÃO, F.; CLEMENTE, E. *História da PUCRS*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 3, 1995.
- KIRSCHHEIM, H. O papel da Igreja em Projetos de Desenvolvimento no 3º Mundo na visão da IECLB – Madras – Índia – abril de 1988. *Estudos Teológicos*, v. 29, n. 1, 1989.
- KLIWER, G. U. Estratificação social e filiação religiosa. Reflexões sobre a inserção da IECLB no contexto sócio-religioso brasileiro. *Estudos Teológicos*, v. 29, n. 1, 1989.

- KONINGS, J. A Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lovaine. *Teocomunicação*, v. 3, n. 34, 1973.
- KONINGS, J. Na hora de Puebla: secularização e opção política. *Teocomunicação*, v. 8, n. 42, 1978
- KONINGS, J. O sentido cristão da opção pelos pobres. *Teocomunicação*, v. 10, n. 48, 1980.
- LAHIRE, B. (Dir.). *À quoi Sert la Sociologie?* Paris: Éditions La Découverte, 2002.
- LIBANIO, J. B. Metodologia da Teologia da Libertação. *Teocomunicação*, v. 10, n. 48, 1980.
- OTTAVIANI, E. S. A filosofia no mundo atual e sua importância no processo formativo do futuro presbítero. *Revista de Cultura Teológica*, v. 9, n. 37, out./dez. 2001.
- PALACIO, C. Deslocamentos da teologia, mutações socioeclesiais – Caminhos recentes da teologia no Brasil. In: BOFF, L. (Org.). *Brasil: povo e igreja(s)*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PELLETIER, D. Le militantisme chrétien à l'épreuve de l'idée missionnaire. In: BRÉCHON, P.; DUREZ, B.; ION, J. (Dir.). *Religion et Action dans l'Espace Public*. Paris, L'Harmattan, 2000.
- PRUDHOMME, C. Des missions à l'internationalisation des Églises: évolution ou révolution? In: BASTIAN, J. P.; CHAMPION, F.; ROUSSELET, K. (Dir.). *La Globalisation du Religieux*. Paris: L'Harmattan, 2001.
- RABUSKE, E. A. O discurso teológico. *Teocomunicação*, v. 22, n. 95, mar.1992.
- RICHARD, P. A Teologia da Libertação na nova conjuntura; Temas e novos desafios para a década de noventa. *Estudos Teológicos*, v. 31, n. 3, 1991.
- ROUSSELET, K. Globalisation et territoire religieux em Russie. In: BASTIAN, J. P.; CHAMPION, F.; ROUSSELET, K. (Dir.). *La Globalisation du Religieux*. Paris: L'Harmattan, 2001.
- SANTOS, B. dos. A identidade da Igreja Latino-Americana: de Medellín a Santo Domingo. *Revista de Cultura Teológica*, v. 1, n. 2, jan./mar. 1993.
- SEIBERT, E. M. O que afirmar sobre a identidade confessional nas Igrejas de tradição evangélico-luteranas no Brasil, e o que se aprende daí para a atual procura por identidade confessional?. *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 1, 2003.
- SEIDL, E. A elite eclesiástica no Rio Grande do Sul. 462 f. 2003. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- SIGAL, S. *Le rôle politique des intellectuels en Amérique Latine: la dérive des intellectuels en Argentine*. Paris: Harmattan, 1996.
- SIMÉANT, J. Introduction. Friches, Hybrides et contrabandes: sur la circulation et la puissance militantes des discours savants. In: HAMMAN, P., MÉON, J. M. e VERRIER, B. (org.). *Discours Savants, Discours Militants: Mélange des Genres*. Paris, Hermattan, 2002.
- SOUZA, L. A. G. de. Nas origens de Medellín: Da ação católica às CEBs e às pastorais sociais (1950-1968). In: BOFF, L. (Org.). *Brasil: povo e igreja(s)*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- STROEHER, E. Métodos e temas da ética da libertação. *Teocomunicação*, v. 23, n. 1000, jun., 1993.
- SUBSÍDIOS para Puebla; Aprovados pela Assembleia Geral Extraordinária. In: CONFÉRENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1978, Itaiaci. Anais... Itaiaci: [s.n.], 1978. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2004.
- SUSIN, L. C. Fé e razão: tertium non datur? *Teocomunicação*, v. 30, n. 130, dez. 2000.
- SUSIN, L. C. Teologia, filosofia e ciências humanas na formação sacerdotal. *Teocomunicação*, v. 77, n. 17, 1987.
- TIEL, G. Algumas pinceladas em torno da ecumenicidade da Federação Luterana Mundial. *Estudos Teológicos*, v. 29, n. 3, 1989.

TRINDADE, F. C. Uma contribuição histórica à história da Faculdade de Filosofia da UFRGS. *Revista do IFCH/UFRGS*, v. 10, 1982.

UMA HISTÓRIA de Promoção da Vida. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

WACHS, M. C. Teologia e outras ciências: interdisciplinaridade. *Estudos Teológicos*, v. 36 n, 3, 1996.

WEBER, M. *Economia y sociedad: esbozo de comprensiva*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

ZILLES, U. A globalização e a universidade católica. *Teocomunicação*, v. 35, n. 14, jun. 2005.

ZILLES, U. Fé e significado das ciências. *Teocomunicação*, v. 30, n. 130, dez. 2000.

ZILLES, U. Teologia e formação sacerdotal: formação teológica dos padres hoje. *Teocomunicação*, v. 8, n. 39, 1978.

ZILLES, U. Teologia numa Universidade Latino-Americana. *Teocomunicação*, v. 3, n. 16, set. 1973.

ZWETSCH, R. E. Pastorado e missão – teologia e prática. Pontos para um debate. *Estudos Teológicos*, v. 39, n. 2, 1999.

## NOTA SOBRE O AUTOR

Odaci Luiz Coradini é Doutor em antropologia social, professor e pesquisador de ciências sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente suas pesquisas estão centradas particularmente em temas ligados ao recrutamento e composição de elites culturais e políticas e ao engajamento e militância.

**Recebido em: 09.01.12**

**Aprovado em: 23.03.12**

